

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA LÚCIA GUIMARÃES

MEDO DO ESPELHO

**Uma análise junguiana do envelhecer no
romance *O retrato de Dorian Gray***

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANA LÚCIA GUIMARÃES

MEDO DO ESPELHO

**Uma análise junguiana do envelhecer no
romance *O retrato de Dorian Gray***

Trabalho apresentado como exigência parcial
para a graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Prof^a Luisa de Oliveira

SÃO PAULO
2009

AGRADECIMENTOS

Ao Valdir, meu companheiro, que há alguns anos trilha ao meu lado a mesma estrada na vida e, o mais importante, sempre respeitando a minha individualidade. Nestes anos de faculdade, quando me sentia perdida sem saber que caminho seguir, foi seu silêncio e seu olhar acolhedor que possuíam todas as palavras de conforto que eu precisava naquele momento.

Aos meus filhos, Bárbara e Henrique. Vocês são o que de mais belo a vida me presenteou. Bárbara, a sua doçura e seu jeito meigo sempre me ensinaram muito. Seu abraço delicado e suas palavras: “Você vai conseguir” me deram muitas forças na finalização deste trabalho.

Obrigada por sua revisão atenciosa neste trabalho juntamente com seus comentários e coraçõesinhos.

Henrique, em 2005 quando você viu meu nome na lista de chamada para o curso de psicologia da PUC-SP, deixou na minha agenda o seguinte recado: “Mãe, parabéns você merecia, depois de estudar tanto você conseguiu... Já começamos 2005 com o pé direito”. Esse recado me deixou muito feliz e sempre vou guardá-lo comigo. Nos dias de correria na execução deste trabalho eram seus abraços apertados que me traziam calma e me faziam perceber que o sentido da vida está muito além do que podemos imaginar.

À Fernanda, pois toda vez que acho que não vou conseguir levar o peso que a vida me impõe é na nossa relação terapêutica que me ponho de pé e vejo o quanto sou forte. Você me ajudou muito para a finalização deste trabalho. Obrigada por me servir de modelo.

À Carla, Renata, Laura, Fernanda, Júlia e Virna por nossas tardes na faculdade onde trocamos tantos abraços, risadas, colo, choro e palavras que só os amigos entendem. Mesmo seguindo caminhos diversos, ter trilhado uma parte da minha jornada com vocês foi muito prazeroso. Cada uma de vocês tem sua luz que quando juntas formam uma fogueira.

Às professoras Ciça Vilhena, Eloisa Penna, Heloisa Galan, Rosa Farah e Elisa Cintra por compartilharem essa luz que vocês têm. O que vocês me ensinaram está além das palavras, foram suas aulas que me fizeram refletir sobre o sentido e o prazer de ser psicólogo.

À Vivian, que no final desta jornada, quando tropecei me estendeu a mão ajudando-me a retomar para o meu caminho.

Envelhe(s)cendo

Que o peso do nosso corpo
Não subjugué a leveza da alma;
Que sempre exista um porto
Entre paixões violentas e alegrias calmas;
Que o desejo nunca esteja morto,
Sem subterfúgios, só sentimento, sem traumas.
Que o tempo não se avexe
De sempre nos percorrer,
Posto que é tempo
E ser-lhe-á mister
Correr.

Valdir Mengardo

Ana Lúcia Guimarães, Medo do Espelho: uma análise junguiana do envelhecer no romance *O retrato de Dorian Gray*, 2009.

Orientador: Luisa de Oliveira

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pesquisar o processo de envelhecimento a partir de uma análise simbólica do romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. No romance, o personagem principal, Dorian Gray, permanece sempre jovem com o passar dos anos, enquanto um retrato envelhece em seu lugar. Este trabalho tenta responder por que o envelhecimento causa medo ao personagem central do romance.

O início da pesquisa se deu com o levantamento de trabalhos e temas sobre o envelhecimento na sociedade atual. Em seguida procedeu-se à leitura de autores que discutem o processo de envelhecimento na abordagem junguiana.

No intuito de enriquecer o trabalho, pesquisou-se alguns livros da obra de C. G. Jung e alguns de seus seguidores. Esses livros trouxeram a base para discutir assuntos como: persona, sombra, anima/animus, processo de individuação e o arquétipo puer-senex. Temas importantes para a análise e discussão do fenômeno envelhecimento.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Envelhecimento. Meia-idade. Puer-Senex. Dorian Gray.

SUMÁRIO

1	Introdução	6
2	Método e Objetivo	9
3	Envelhecimento	11
3.1	Dados demográficos sobre o envelhecimento brasileiro	11
3.2	O envelhecimento na sociedade atual	13
3.3	Rede social e lazer na velhice	17
4	Psicologia Analítica e Envelhecimento	20
4.1	As máscaras sociais e meia-idade	21
4.2	O lado escuro	25
4.3	A bissexualidade psíquica	33
4.4	Ouvindo o chamado interior	36
4.5	A criança e o velho na psique	40
5	O retrato de Dorian Gray	45
6	Análise do Personagem	50
7	Discussão	58
8	Considerações Finais	60
	Referências	61

1 INTRODUÇÃO

Venho de uma família na qual as pessoas vivem muitos anos. Apesar de não ter tido contato com meus avós, pois morávamos em estados distantes, desde muito criança eu sempre gostei de estar junto às pessoas idosas. Na juventude gostava de ficar conversando com os idosos da família porque eles sempre tinham muitas histórias para contar, sabiam de toda a trajetória familiar, assunto que me agradava muito. Lembro-me de tardes prazerosas na casa de um casal de tios da minha mãe onde conversávamos muito sobre o passado, e eu sentia em seus olhares a alegria de serem ouvidos com interesse.

Desde que ingressei na Faculdade de Psicologia tenho interesse em trabalhar com idosos, mas não a doença do idoso e sim o envelhecer saudável.

No segundo semestre do ano de 2008 fiz um estágio obrigatório da grade curricular da faculdade com mulheres que fazem parte de um grupo de terceira idade da Associação Metodista de Ação Social (AMAS) de Pinheiros.

Uma vez por semana era feito um grupo de reflexão com oito idosas, no qual procurávamos criar um ambiente favorável à expressão de vivências, demandas e afetos relacionados ao momento em que viviam. Além do grupo de reflexão essas idosas participam de outras atividades ministradas pela AMAS como artesanato, alongamento, fisioterapia, viagens, teatro, cinema, bailes e bazares beneficentes, para os quais elas mesmas produzem tudo que é vendido.

Mesmo trazendo para o grupo de reflexão questões de sofrimento relacionadas à fase de vida atual delas, pareceu-me vislumbrar um olhar esperançoso e um brilho em seus olhos quando eram discutidos assuntos referentes aos grupos em que participavam na AMAS. Elas relatavam ter prazer em participar de todas ou da maioria das atividades oferecidas pelo grupo da terceira idade, e em vários momentos, no grupo de reflexão, elas falaram da importância de terem amigas da mesma faixa etária.

Algumas delas traziam como queixa a não compreensão e a falta de paciência dos netos em relação a elas. Essas questões me fazem pensar o porquê da necessidade de serem compreendidas pelos filhos e netos, e se também elas tinham paciência com os mais jovens.

Durante uma aula no 5º ano na faculdade de psicologia, a professora citou o livro *O retrato de Dorian Gray* e então senti uma necessidade de reler o romance. Nesta releitura

algumas questões e observações ligadas ao problema de envelhecimento começaram a surgir.

Logo no início do romance notei que os personagens Basil Hallward (o pintor) e lorde Henry Wotton têm forte influência na personalidade de Dorian Gray.

Henry é um personagem que não respeita ninguém, os únicos valores que existem para ele são a beleza e o dinheiro. Podemos observar isso no diálogo entre lorde Henry e Dorian Gray “O senhor é belo. Para mim, a beleza é a maravilha das maravilhas. Só os espíritos fúteis não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, e não o invisível.” (WILDE, 2006, p.25).

Para o personagem Basil os valores são outros. Ele tenta proteger Dorian da influência de Henry, mas também está enfeitiçado pela beleza do personagem, como se pode observar nesse diálogo entre Basil e Henry:

Eu não me sentiria feliz se não o visse diariamente. Ele me é necessário. [...] Ele agora é para mim a minha arte – disse sério o pintor. – às vezes, Harry, parece-me que só há duas épocas importantes na história do mundo: a primeira é o aparecimento de um instrumento novo para a arte; e a segunda, a aparição de uma personalidade nova, também para a arte. Dorian Gray é, para mim, muito mais que um modelo vivo. A personalidade desse moço sugeriu-me uma nova modalidade de estilo. Vejo as coisas de outra maneira. Posso agora criar de novo a vida, sob um aspecto que, antes, me ficava oculto. A simples presença desse garoto... Você avalia isso? Ele define para mim as linhas de uma nova escola. A harmonia da alma e do corpo [...] (WILDE, 2006, p.16-17).

Essas reflexões dos personagens levaram-me a alguns questionamentos: por que o envelhecimento precisa ser negado? Por que esse quadro precisa ser escondido dos olhos de todos, inclusive do próprio artista que o pintou? E essas questões me fizeram lembrar a relação que esse retrato tem com pessoas que se deixam “escravizar” pelo medo de envelhecer.

Apesar do personagem sempre se mostrar jovem e bonito, ele não consegue esquecer o quadro que envelhece em seu lugar, fato que o incomoda de tal maneira que o leva a se tornar uma pessoa fria, viciada e sem pudor algum. Ao guardar o quadro em seu quarto de infância, tentando esquecer o incômodo que esse objeto lhe traz, é como se o personagem tivesse jogando seus traumas no inconsciente pessoal. Segundo a Psicologia Analítica, o que fica “esquecido” na sombra retorna em forma de sintomas, por esse motivo, a lembrança do quadro sempre volta ao personagem, trazendo-lhe pavor.

Por que o personagem simplesmente não deixou o retrato envelhecer e viveu sua vida? Por que o quadro o incomodava tanto a ponto de precisar trancá-lo em um quarto?

Por que a cada atitude que ele tomava precisava olhar se a fisionomia do quadro havia mudado?

Transpondo os valores estabelecidos por Wilde no seu romance para a época atual, formulo uma questão: por que envelhecer dá medo?

No segundo capítulo deste trabalho descrevo a minha questão de pesquisa, que consiste em compreender o processo de envelhecimento e o porquê de envelhecer causar medo ao personagem do romance. Para esse entendimento usarei o método qualitativo, tendo como base os conceitos da Psicologia Analítica.

No terceiro capítulo foi feito um levantamento de material bibliográfico sobre o tema envelhecimento e velhice na sociedade brasileira atual.

No quarto capítulo pesquiso o processo de envelhecimento na ótica da Psicologia Analítica, no qual discuto temas como sombra, anima/animus, processo de individuação e o arquétipo puer-senex, importantes para a análise do fenômeno envelhecimento na obra de Oscar Wilde, que será discutida no sexto capítulo.

O quinto capítulo é a apresentação do resumo do romance *O retrato de Dorian Gray*.

Finalizo com a discussão e considerações finais, onde procuro responder a questão inicial desse trabalho.

2 MÉTODO E OBJETIVO

O objetivo desse trabalho é, por meio da análise do romance *O retrato de Dorian Gray*, compreender o processo de envelhecimento e o medo que esse fenômeno causa no personagem do romance.

Pretendo realizar a minha pesquisa pelo método qualitativo à luz de alguns conceitos da Psicologia Analítica.

A pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir os eventos e não emprega instrumental estatístico para análise dos dados. Ela propõe que a partir da compreensão e interpretação do fenômeno entenda-se qual a finalidade e o significado do mesmo.

Segundo Penna (2004),

A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. Essa metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente. Do princípio da relatividade, da complementaridade e da incerteza deriva uma concepção de verdade relativa e temporária. Do ponto de vista metodológico, os fenômenos são considerados em função do contexto em que são investigados; tanto a objetividade quanto a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação. (p.80).

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa surge como possibilidade de compreensão do fenômeno envelhecimento em sua singularidade.

Para a Psicologia Analítica, o símbolo é o elemento que faz a ponte entre a consciência e o inconsciente, é a forma como o arquétipo chega à consciência para, depois de elaborado, ser compreendido.

O processo de envelhecimento é arquetípico, e uma obra literária, desde que se expresse dentro de uma necessidade cultural e atual, pode ser considerada um símbolo, portanto podemos analisá-la para a compreensão do fenômeno.

O símbolo, portanto, é o fenômeno psíquico que permite acesso ao inconsciente, tornando possível o conhecimento. O símbolo, como manifestação do arquétipo, situa-se no limiar da possibilidade de conhecimento, pois o arquétipo, em si, está fora dos limites do conhecimento. (PENNA, 2004, p.84).

A Psicologia Analítica considera os fenômenos tanto individuais (sonhos, fantasias, experiências pessoais) como os coletivos (mitos, contos de fadas, acontecimentos sociais e

políticos), desde que tenham valor simbólico para o indivíduo ou para a sociedade que os produz e os vivencia psicologicamente. (PENNA, 2003, p.204).

A autora estabelece que por meio de imagens análogas (mitos, contos, lendas ou qualquer outro material cultural) pode-se ampliar e enriquecer os símbolos, o que favorece a compreensão do significado arquetípico, pois várias possibilidades são oferecidas ao ego e este encontrará o sentido mais significativo para a consciência atual. (PENNA, 2003, p.195).

Ela compara a perspectiva simbólica arquetípica ao olhar da águia “[...] que é ao mesmo tempo abrangente para contemplar panoramas amplos, e focalizada para se concentrar e ver com nitidez o que é essencial e importante.” (PENNA, 2003, p.214).

A partir da leitura do romance *O retrato de Dorian Gray*, questionamentos foram surgindo, pois o livro se apresentava como um símbolo do processo de envelhecimento.

Em seguida foi feito um levantamento de material bibliográfico sobre o tema envelhecimento e velhice, que somam-se a uma pesquisa sobre o entendimento do processo de envelhecimento na perspectiva da Psicologia Analítica. Por fim, foi feita uma análise baseada na teoria de C .G. Jung.

A meta da interpretação é ampliar a consciência com a integração de conteúdos inconscientes, produzindo autoconhecimento e favorecendo o processo de individuação. (PENNA, 2003, p.184).

3 ENVELHECIMENTO

*O velho sem conselhos
De joelhos
De partida
Carrega com certeza
Todo o peso
Da sua vida
Então eu lhe pergunto pelo amor
A vida inteira, diz que se guardou
Do carnaval, da brincadeira
Que ele não brincou
Chico Buarque de Hollanda*

3.1 Dados demográficos sobre o envelhecimento brasileiro

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa média de vida dos brasileiros ao nascer, para ambos os sexos, já atingiu a marca de 72,8 anos em 2008. Sendo que para o sexo masculino a expectativa de vida, em 2008, é de 69,1 anos e para as mulheres de 76,7 anos. Projeções recentes mostram que o Brasil alcançará o patamar de 80 anos de esperança de vida ao nascer em 2040.

A Revisão de 2008 da Projeção de População do Brasil feita pelo IBGE conclui que em 2050 a expectativa de vida, ao nascer, será de 81,3 anos. No mesmo ano o grupo da faixa etária de 0 a 14 anos representará 13,15% da população total e o grupo dos maiores de 65 anos ultrapassará os 22,71%, enquanto que no ano 2008 o primeiro grupo representava 26,47% e o de idosos 6,53%. A mesma projeção aponta que por volta de 2039 a população brasileira atinja o chamado “crescimento zero”. Lago (2005) informa que até 2025 o Brasil passará a ser o sexto país do mundo em população.

Em 2008, segundo o IBGE, a população brasileira de 60 anos ou mais foi de quase 18 milhões de pessoas o que correspondeu a 9,5% da população total brasileira, e em 2030 o contingente de brasileiros com idade superior a 60 anos será de aproximadamente 40 milhões.

O IBGE analisa que uma das causas para o crescimento do envelhecimento no Brasil é a queda na taxa de fecundidade e mortalidade e o aumento da expectativa de vida, a partir de meados da década de 1980.

O acesso da população aos serviços de saúde, campanhas nacionais de vacinação, atendimentos pré-natais, acompanhamento ao recém-nascido, incentivo ao aleitamento materno, melhoria no saneamento básico e aumento da escolaridade feminina também foram fatores, segundo o IBGE, que contribuíram para diminuir a taxa de mortalidade infantil, e dessa maneira aumentar a expectativa de vida do brasileiro.

Até 2015 o Brasil poderá reduzir a mortalidade infantil e a esperança de vida ao nascer deverá atingir os 74,8 anos, pois redução na mortalidade infantil está associada ao aumento de esperança de vida ao nascer.

O IBGE alerta que a expectativa de vida ao nascer está aumentando, mas poderia ser superior em dois ou três anos não fosse o efeito das mortes de jovens por violência, principalmente do sexo masculino. Por esse motivo estima-se que o excedente de 2,5 milhões de mulheres em 2000 pode atingir quase 7 milhões em 2050.

Neri (2007) organizou em um livro os resultados de uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA) em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), sempre que houver referência à pesquisa neste trabalho será usada a sigla SESC/FPA, da mesma forma em que foi usada no livro.

Participaram da amostragem idosos acima de 60 anos e jovens e adultos de 15 a 59 anos, e todos responderam questões relacionadas aos aspectos da velhice e envelhecimento.

No capítulo onde se comenta a feminização da velhice, Neri (2007b) observa que as mulheres têm maior longevidade em comparação aos homens, mas biologicamente são mais frágeis, portanto estão mais expostas ao abandono, à violência, à falta de cuidados e ao isolamento do que os homens. Os dados da pesquisa mostram que a maioria dos homens idosos (71%) viviam com a esposa enquanto que a maioria das idosas (57%) moravam com os filhos, o que confirma a expectativa de cuidado, pois 58% dos homens idosos responderam que esperam ser cuidados pela esposa, enquanto que apenas 24% das idosas citaram o marido. A maioria das idosas espera ser cuidada pela filha ou filho.

Analisar o processo de feminização da velhice focalizando apenas as mulheres significa conhecê-la pela metade, porque as mudanças na vida delas se dão na relação com a vida deles. Nessa perspectiva, os principais fatores protetores do envelhecimento masculino em comparação com o feminino são os seguintes: 1) os homens são geralmente casados e, dessa forma, têm maior probabilidade de serem cuidados; 2) têm *status* mais alto do que as mulheres; 3) desfrutam de níveis de renda e de escolaridade geralmente mais altos; 4) são menos rejeitados por causa da perda de beleza e juventude; 5) têm auto-imagem mais positiva; 6) têm menos doenças crônicas e incapacidades; 7) são mais satisfeitos com a vida e têm uma percepção de saúde mais positiva. (NERI, 2007b, p.61).

No futuro esse suporte dado pela família nuclear aos idosos tende a mudar, pois com a redução do número de filhos e a instabilidade conjugal entre os mais jovens, o percentual de idosos sem apoio ou com apoio de não parentes tende a aumentar. Portanto, “[...] a sociedade e os indivíduos devem se preocupar desde já com a disponibilidade de auxílios não baseados no vínculo conjugal e na parentalidade para as gerações de velhos do futuro.” (ALVES, 2007, p.128).

Para Hollis (1995), temos que aceitar que nossos filhos também tenham o seu caminho de individuação, portanto a jornada de suas vidas não é cuidar de seus pais. Cada um deve tomar conta de si. O mesmo acontece no casamento, devemos sempre respeitar a alteridade do outro.

3.2 O envelhecimento na sociedade atual

Ainda com base nos dados fornecidos pelo IBGE denota-se que a população idosa vem crescendo com velocidade superior às demais faixas etárias, portanto novas demandas aparecem e devem ser atendidas pela sociedade, o que revela a importância de políticas públicas voltadas para o idoso.

Neri (2007a) mostra, a partir dos dados da pesquisa SESC/FPA, que 73% dos idosos sabem da existência do Estatuto do Idoso, sendo que 61% conhecem de ouvir falar. A maioria dos idosos reconhece direitos sociais que estão no Estatuto, como aposentadoria, direito à passagem gratuita de ônibus e prioridade na fila. Poucos aspectos de direitos civis chamam a atenção dos idosos: eles não mencionam nada sobre saúde, justiça, proteção social. A autora salienta, ainda, que está incluso no Estatuto do Idoso uma ideologia de que os idosos são pessoas frágeis e incapazes, portanto devem ser tutelados pelo Estado.

Tal ideologia ignora que: 1) a velhice é experiência heterogênea; 2) a longo prazo, o envelhecimento saudável depende de investimentos sociais contínuos dirigidos aos cidadãos em todas as fases da vida, e não somente de investimento individuais, 3) a solidariedade entre as gerações, a capacidade de poupança da população e a sua criatividade no gerenciamento de escassos recursos sociais têm sido mais valiosas ao cuidado aos idosos do que a atenção oferecida pelo Estado; 4) abandono, negligência e maus-tratos podem ocorrer nas famílias e nos asilos, mas também são exercidos pela rede pública de atenção à saúde e pela Previdência; 5) políticas de proteção social baseadas em falsas crenças contribuem para o desenvolvimento ou a intensificação de preconceitos e para práticas sociais nefastas aos idosos. (NERI, 2007a, p.39).

Lesbaupin (2002) investiga a visão que os idosos têm de si mesmos, seus valores e suas perspectivas. Ela questiona se todas as pessoas, a partir de uma determinada idade sentem-se velhas e relata que as questões “quem é velho” e “quando uma pessoa torna-se velha” dificilmente serão respondidas. Em um dos encontros do grupo de reflexão na Associação Metodista de Ação Social (AMAS) que presenciei, uma das idosas comparou sua velhice com a dos pais e afirmou que naquela época as pessoas envelheciam mais cedo.

Venturi e Bokany (2007) verificam, baseando-se na amostra da pesquisa SESC/FPA, que a imagem da velhice de um modo geral é vista como negativa, mas que na perspectiva do idoso também há aspectos positivos. Apesar de serem idosos críticos que denunciam o preconceito e a discriminação contra a velhice, que sabem que ainda falta muito que fazer a favor do idoso, eles reconhecem que ser idoso hoje é melhor do que quando eram jovens. Quando perguntados como se sentem com a idade que têm, a maioria respondeu estar satisfeita ou feliz. Sendo assim, os autores percebem que a maioria não se sente idoso, e que a sensação de velhice vem gradualmente com o passar dos anos. Das pessoas entre 60 e 64 anos, um terço sente-se idosa, dos que estão com oitenta anos ou mais, 71% afirmam sentirem-se idosos.

Lopes (2007) chama a atenção para o fato de que quando se vê a velhice predominantemente ligada a atributos negativos, na verdade, denota-se o preconceito social que muitas pessoas têm em relação à velhice. E o entrevistado não se identifica com esse preconceito, pois 69% dos idosos se declararam satisfeitos com a sua idade, apenas 4% das pessoas pesquisadas admitiram sentirem preconceito em relação à velhice. Esse fato “[...] nos faz atentar para o distanciamento que este segmento tem em relação às perspectivas do próprio processo de envelhecimento.” (LOPES, 2007, p.143).

A autora alerta que o resgate da positividade do velho está intimamente ligado ao reconhecimento pela sociedade atual, dessa maneira o Estado deve ampliar seu papel em relação à inclusão do idoso, mediando ações que tragam instrumentos para que os idosos frequentem os espaços públicos.

Na amostragem da pesquisa SESC/FPA, 84% das pessoas afirmaram que há preconceito contra os idosos e 95% desses respondentes disseram não ter preconceitos em relação ao idoso. “Se idosos e não idosos representativos da população pensam dessa forma, então quem seriam os preconceituosos a que se referem?” (NERI, 2007a, p.36). A autora salienta que uma porcentagem significativa das pessoas entrevistadas admitiram que velhice é sinônimo de doença e que velhos vivem no passado. Essas respostas não

consideram a heterogeneidade entre os idosos, portanto torna-se inviável fazer generalizações tão amplas, já que afirmações desse tipo trazem em si preconceitos.

O preconceito contra os idosos está em toda parte, desde o núcleo familiar até o modo de tratamento proporcionado aos idosos nas lojas, bancos, hospitais, repartições públicas, propagandas, cartões de aniversário etc. (NERI, 2007a).

Formas de tratamento aparentemente carinhosas e coloquiais, como ‘velhinho’, ‘vovozinha’ e ‘tia’, podem mascarar preconceitos, assim como os termos ‘idade legal’, ‘maior idade’, ‘melhor idade’ ou ‘gatão de meia-idade’, principalmente entre idosos de baixo nível de escolaridade. Eufemismos como ‘terceira idade’, ‘maior idade’, ‘idade legal’ são subterfúgios semânticos, termos aparentemente bem soantes que no fundo servem para mascarar a rejeição da velhice. Se não, qual seria o sentido de denominá-la de outra forma? Por que precisamos buscar cognomes se o léxico dispõe de palavras consagradas pelo uso para designar certos objetos? (NERI, 2007a, p.41).

É a história das relações do indivíduo com os eventos externos que lhe traz significação do que é ser velho, portanto o velho que seremos no futuro está relacionado com a concepção de velho que estamos formando hoje. A visão que teremos de nós mesmos depende das nossas relações com outros idosos e qual a visão dominante de velhice na sociedade na qual nos inserimos. (LESBAUPIN, 2002).

A autora informa que a maioria das pessoas associa a velhice à perda e impossibilidade de ganhos, levando o idoso a aceitar essa situação e suprimindo-lhe a possibilidade de buscar novas perspectivas. A nossa sociedade retira do idoso o sentido de sua vida, elimina-lhe todos os sonhos e o deixa sem esperanças, apenas dando atenção às suas doenças, portanto é importante que o idoso seja re-socializado.

Na pesquisa SESC/FPA constata-se que 35% dos idosos, após a menção de uma bateria de dez modalidades de violência, relataram que sofreram algum tipo de violência, depois dos 60 anos de idade. Os casos variam entre: violência urbana (assaltos ou estupros), violência doméstica (espancamentos e atentados contra a vida), violência psíquica (humilhações) e violência institucional (desrespeito cometido por agentes públicos, no comércio e no transporte público). Segundo Lopes (2007) o contexto urbano mostra claramente a desarticulação das relações de sociabilidade familiar, sendo que é dentro do lar que constata-se o mais alto índice de negligência e abuso do idoso.

Entre a população não idosa domina a idéia de que há mais coisas ruins em ser idoso do que boas (VENTURI; BOKANY, 2007). A pesquisa SESC/FPA mostra que os três melhores motivos de ser idoso estão relacionados à experiência de vida, à sabedoria e

ao tempo livre. As piores coisas que viriam com a idade seriam doenças, dependência física e discriminação social.

Segundo Neri (2007a) a dependência, perda da dignidade, solidão e sofrimento assustam mais os idosos que a morte, pois esta faz parte da vida.

A autora salienta que os idosos e não idosos pesquisados quando solicitados para falarem de suas metas pessoais e sonhos para os próximos anos deram o mesmo peso ao assunto. Para os idosos suas metas são: criar família, ter felicidade, viver bem e ter saúde, enquanto que para o outro grupo a meta é investimento na própria educação e na educação dos filhos. Ela observa que os idosos têm metas orientadas para o “[...] bem-estar do *self*. Entre os não idosos, as metas pessoais são orientadas à realização de tarefas evolutivas que os confirmarão como adultos ajustados.” (NERI, 2007a, p.34). Este assunto será melhor discutido no próximo capítulo.

A pesquisa SESC/FPA mostra que 88% dos idosos contribuem para a renda familiar, mas a importância de sua opinião na família se restringe com a idade, isto é, o idoso tem o poder de chefia material, mas sem o poder de opinar, o que mostra o lugar do idoso na vida social (ALVES, 2007). Quanto mais velho for o idoso, menos importante é sua opinião. A autora verifica que há um paradoxo, pois quando perguntados sobre o que há de positivo ao envelhecer, 95% dos idosos e 90% entre os não idosos responderam que é a experiência de vida e sabedoria, mas verifica-se que o valor da palavra dos mais velhos é de menor importância em relação aos mais jovens, portanto há uma inversão da imagem da velhice como sábia ou experiente.

Respostas como essas, nas quais se encontra quase um consenso absoluto, são respostas clichês, pois a sociedade atual dá pouca importância ao idoso, portanto os entrevistados respondem sem consciência do que estão falando.

Muitas vezes a solidão do idoso vem com sua aposentadoria, pois ele perde seu *status* social e volta-se para o espaço familiar. Nas palavras de Lago (2005) a aposentadoria traz o afastamento da vida social, pois esta é fortalecida a partir das relações desenvolvidas no trabalho, mas também pode ser a possibilidade para novos aprendizados e para o lazer.

3.3 Rede social e lazer na velhice

Lago (2005) em sua dissertação discute a importância da dança de salão para a re-socialização do idoso. Salienta que o adjetivo “velho” desperta nas pessoas a sensação de algo ultrapassado, e o idoso é visto dessa maneira por nossa sociedade, o que estimula o seu isolamento. Também relata que para muitos velhos é difícil se olhar no espelho, pois por muito tempo as pessoas podem se olhar e não se ver.

Simone de Beauvoir (apud LAGO, 2005, p.19) discute a relação que se estabelece entre o eu e o outro. Ela informa que nos percebemos velhos a partir da palavra do outro, as pessoas podem sentir-se jovens ou adultos por muitos anos e se surpreenderão quando forem chamadas de velha pela primeira vez, pois é principalmente pelo olhar do outro que elas ingressam na categoria de velhos.

Ferraz e Peixoto (1997) entrevistaram idosos de uma determinada instituição de recreação com o objetivo de analisar a qualidade de vida dos mesmos. Apontaram a importância de eles terem um lazer e o quanto isso contribui para o seu desenvolvimento pessoal. Na instituição, os idosos relataram terem três atividades de lazer disponíveis: viagens, danças e jogos, e todos os entrevistados desenvolviam pelo menos duas dessas atividades.

As autoras afirmam que não constataram sentimentos de não realização, inutilidade ou falta de perspectiva nos idosos estudados, e mesmo quando eles relataram sobre suas doenças o fizeram de maneira bastante positiva, entendendo que isso não constitui uma limitação em suas vidas. Isso se deve, segundo as autoras, ao fato desses idosos conviverem em grupo, onde se sentem amados, respeitados e envolvidos em atividades físicas, ocupacionais e de recreação.

Conforme dados da pesquisa SESC/FPA a participação de idosos em grupos de terceira idade é pequena. Segundo Alves (2007), 64% dos idosos pesquisados afirmaram não conhecerem ou participarem desses grupos, provavelmente porque esses grupos atingem um perfil específico: idosos com melhor grau de escolaridade, sem problemas graves de saúde, renda financeira um pouco melhor e idade entre 60 e 70 anos.

O bem-estar emocional e psíquico melhora quando os idosos mantêm vínculos, em primeiro lugar com amigos, uma vez que os relacionamentos são de livre escolha; em segundo lugar, surgem os vizinhos, com os quais é possível montar uma rede solidária, e só em terceiro lugar aparece como importante o convívio com a família, que é identificada como um espaço social de vínculos muito

fortes, marcados pela obrigação e, em conseqüência, altamente conflitivos. (LOPES, 2007, p.149-150).

A pesquisa SESC/FPA mostra que 93% dos idosos têm como atividade prazerosa assistir televisão e 80% ouvem rádio, apenas 12% vão a baile ou dançam. Para Doll (2007) isso pode ser ocasionado por dificuldade de locomoção, sentimentos de incerteza e insegurança em locais públicos ou problemas de saúde. Ir ao cinema, teatro ou museu são atividades próprias dos idosos com melhor poder aquisitivo e maior escolaridade. A maioria das pessoas mais pobres associou lazer com descanso, o que o autor justifica em função do desgaste do trabalho para essas pessoas. Quanto ao conhecimento do direito de 50% de desconto nos ingressos em eventos culturais, 52% dos idosos sabem desse direito, mas apenas 12% o usaram.

Machado (2005) informa que é possível pensar o envelhecimento como um processo que inclui perdas, mas ao mesmo tempo com uma potencialidade para muitos ganhos. Nesse sentido, uma atividade que dê prazer ajuda o idoso a compreender a própria velhice. Não significa manter o mesmo ritmo anterior, mas re-significar essa nova etapa da vida.

A mesma autora relata que o sentido da vida talvez não esteja no passado, mas em algo que ainda possa ser construído, e que uma atividade de lazer pode ser um elemento em potencial de resgate da autonomia e da liberdade do indivíduo em um momento da vida no qual não se espera mais a produtividade do idoso.

Atividades prazerosas podem aumentar a rede social do idoso, e esse contato pode ajudá-lo a resgatar o sentido de sua vida. Aumentando a rede social o idoso poderá estabelecer novos vínculos além do familiar. (MACHADO, 2005).

Para Lesbaupin (2002) o convívio social garante a conexão com o mundo, e através das trocas mútuas o idoso continua agregando significados à sua construção pessoal, mantendo a integridade da imagem que faz de si mesmo.

Na medida em que se envelhece a rede social enfraquece, pois os idosos têm menos oportunidades sociais para fazer novos contatos e ao mesmo tempo adoecem mais, afastando-se das relações anteriormente firmadas. Aos poucos a pessoa vai perdendo o interesse em expandir sua rede social e vai se fechando cada vez mais no seu ciclo familiar, muitas vezes sobrecarregando as relações que permanecem.

Brennan e Brewi (1991) observam que é no lazer que as pessoas podem experimentar outras áreas do próprio ser, isto é, o lazer permite ouvir o si-mesmo (Self) e imaginar outras maneiras de ser. Para as autoras tanto o entretenimento como a oração

permitem um contato com a dimensão inconsciente de nós mesmos, portanto podem ajudar a localizar o centro interior de cada um. “Todos sabemos que um alimento essencial para toda criança é a diversão. [...] Estamos sendo chamados para um caminho completamente novo na segunda metade da vida. A criança em nós, a diversão e o espírito lúdico são as chaves para esse novo ser.” (BRENNAN; BREWI, 1991, p.189).

Doll (2007) salienta que o trabalho dá a sensação de integração na sociedade; a pessoa se sente útil, porém o lazer não traz a mesma sensação e sim um vazio. Por isso as atividades prazerosas desenvolvidas pelas pessoas idosas devem ter um significado vital para elas, e para que isso aconteça o lazer tem que ter algum vínculo com sua identidade.

O lazer traz de volta para o idoso sua rede social, novos vínculos pessoais são estabelecidos. Segundo Machado (2005) a atividade prazerosa pode auxiliar o idoso no resgate do sentido de sua vida.

É importante que o idoso veja o sentido da sua vida no presente e não no passado. Ter uma atividade prazerosa pode ajudá-lo a aceitar e a valorizar essa nova etapa da sua existência. Segundo essa autora, o período da terceira idade surge como uma oportunidade para o re-descobrimto de si mesmo e de potencialidades outrora não percebidas pelo envolvimento no trabalho mecânico e alienante. A capacidade do homem de sonhar e se descobrir pode ter uma ênfase maior na velhice, pois há mais tempo livre e menor compromisso com o trabalho formal.

4 PSICOLOGIA ANALÍTICA E ENVELHECIMENTO

*Quando quis tirar a máscara,
Estava pregada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Fernando Pessoa*

Atualmente a sociedade pensa o idoso em contraposição ao jovem em um contexto onde o novo é sempre valorizado. Desta forma, grande número de pessoas que envelhecem tentam, a qualquer custo, permanecerem jovens, deixando assim de perceber uma nova etapa de sua vida.

Geralmente as grandes mudanças começam no início da segunda fase da vida, portanto o meio da vida é um período importante para o desenvolvimento psicológico (JUNG, 1986, §331a, p.198). No início da segunda metade da vida verifica-se a plenitude da força no trabalho e dos sentimentos no ser humano, mas “A paixão muda de aspecto e passa a ser dever, o querer transforma-se inexoravelmente em obrigação; as voltas da caminhada, que antes estavam cheias de surpresas e descobertas, agora nada mais são do que rotina.” (JUNG, 1986, §331a, p.199).

O autor constata que no lugar de olhar para frente a pessoa volta-se para o passado de maneira muitas vezes conservadora. Mas somente observando os caminhos que a vida seguiu até o presente momento é que ela poderá encontrar suas motivações verdadeiras e fazer com que surjam novas descobertas. “O indivíduo consegue conhecer sua peculiaridade por meio da consideração crítica de si próprio e de seu destino. Mas esses conhecimentos não lhe são dados de graça. Chega-se a tais conhecimentos apenas por abalos violentos.” (JUNG, 1986, §331a, p.199).

É isto o que costuma acontecer na época em que se atinge o meio da vida; a natureza singular do ser humano força deste modo a passagem da primeira metade da vida para a segunda. O estado em que o homem era apenas um instrumento de sua natureza impulsiva se transforma em um estado diverso, no qual o homem já não é instrumento, mas passa a ser ele mesmo – a natureza se torna cultura e o impulso, espírito. (JUNG, 1986, §335 p.202).

4.1 As máscaras sociais e meia-idade

A primeira fase da vida vai do nascimento até a meia-idade, nessa fase a energia da pessoa está toda voltada para o mundo exterior, ela irá identificar-se com outras pessoas, escolher sua profissão e formar uma família. É nesse período que se criam as máscaras sociais ou persona.

O termo persona refere-se à máscara de um ator do teatro romano. “Ao colocar uma máscara, o ator assumia um papel específico e uma identidade dentro do enredo dramático, e sua voz era projetada através da ‘boca’ recortada no rosto da máscara.” (STEIN, 2005, p.101).

Jung (2006) aponta que o indivíduo não é apenas um ser único e isolado, mas também um ser social, desta maneira sua psique é um fenômeno coletivo e não totalmente individual. Ele usa o termo persona para designar comportamentos que aparentam ser individuais, mas na verdade pertencem à psique coletiva. A persona não é real, e sim um acordo entre o indivíduo e a sociedade que faz a pessoa acreditar que é aquilo que imagina ser.

A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. (JUNG, 2006, §305 p.68).

Uma pessoa pode assumir diferentes personas, como de filho, esposa, marido, professor, aluno, pintor, jornalista etc. Portanto, podemos concluir que a persona é uma possibilidade de ser em relação a um determinado grupo social, é a capacidade de assimilar um papel social. A persona faz com que o indivíduo seja aceito em um ambiente, ela é uma adaptação ao mundo externo, mas devemos lembrar que sempre há um aspecto individual em toda persona.

Devemos adaptar as exigências culturais e coletivas aos nossos papéis sociais e, além disso, sermos nós mesmos. É preciso desenvolver tanto uma persona como um ego adequado, caso essa diferenciação fracasse forma-se um pseudo-ego onde “[...] o padrão de personalidade se baseia na imitação estereotipada ou numa atuação meramente zelosa em relação ao papel atribuído coletivamente às pessoas na vida.” (WHITMONT, 2006, p.140). Isto é, quando a persona fica incorporada e a pessoa é sempre identificada pelo mesmo personagem, por exemplo um juiz, em vez de assumir essa persona apenas nos locais e

momentos ideais, a individualidade é confundida com o papel social. O pseudo-ego além de ser rígido é frágil e quebradiço.

A identificação com a persona pode trazer como resultado um estado de inflação. É uma inflação exaltada em que o indivíduo se coloca num papel poderoso em relação aos outros. Jung (2006) dá como exemplo alguém que assume o papel de verdadeiro profeta, esse poder infla a persona e esta torna-se atraente para o discípulo, que se coloca num papel indigno diante do Mestre. Ser discípulo de um grande profeta é ter um lugar no mundo no qual não é preciso assumir nenhuma responsabilidade, pois esta cabe ao Mestre. “Em ambos os casos, a inflação provém do inconsciente coletivo e a independência da individualidade é lesada.” (JUNG, 2006, §265 p.46).

Há casos em que a pessoa perde sua persona e tenta a qualquer custo recuperá-la. A esse comportamento Jung (2006) deu o nome de restabelecimento regressivo da persona. Ele cita como exemplo um homem de negócios que chegou à bancarrota e tenta de todas as maneiras recuperar sua reputação social, podendo até rebaixá-la a um posto muito inferior às suas possibilidades, desta maneira ele está “[...] tentando *restaurar sua persona por via regressiva*” (JUNG, 2006, §254, p.39, grifo do autor) o que é prejudicial para a pessoa, pois voltar para a persona perdida é impossível. Neste caso também há um estado de inflação.

Para Jung (2006) muitas vezes não damos atenção aos desejos do nosso inconsciente, e ao invés de enfrentarmos o conflito tentamos voltar atrás restaurando regressivamente a persona perdida, sem percebermos que nos tornaremos pessoas mais limitadas, pois a história construída já faz parte de seu eu e não poderá mais ser abandonada.

Stein (2005) observa que “A sombra e a persona são ‘pessoas’ estranhas ao ego que habitam a psique junto com a personalidade consciente que nós próprios sabemos ser.” (p.100), mas frequentemente o ego se identifica com a persona. Um é o oposto da outra, mas também muito chegados como se fossem dois irmãos gêmeos.

Hollis (1995) chama a atenção para o fato de que além de confundirmos a persona das outras pessoas com o seu verdadeiro eu, também confundimos nossa persona com os nossos papéis sociais. Por este motivo, quando as pessoas perdem sua antiga persona na meia-idade se sentem como se tivessem perdido seu verdadeiro eu.

As mudanças no corpo mostram o término de um ciclo e o começo de outro. “Para que nos coloquemos no mundo de maneira nova e criativa precisamos aceitar tanto as tarefas quanto os desafios apresentados por essas alterações.” (PRÉTAT, 1997, p.64). A

perda da antiga persona faz com que muitas pessoas mais velhas se sintam invisíveis, pois elas se baseiam nas reações afetivas dos outros, na sensação de estar perdido “[...] entre o que foi e o que está por vir, entre o outono e o inverno da vida.” (PRÉTAT, 1997, p.66). A autora afirma que a recordação da vida passada parece trazer alívio para a dificuldade de estar nessa zona de incertezas.

A persona pode mudar com a idade, novas personas podem surgir quando o indivíduo ingressa em nova fase da vida. Na passagem para a segunda fase da vida pessoas extrovertidas socialmente podem tornar-se mais introvertidas. (STEIN, 2005).

O ego competente enfrenta cada um desses desafios de adaptação com alterações apropriadas no conceito de si mesmo e na apresentação que faz de si mesmo através da persona. As pessoas pensam diferente sobre si mesmas, vestem-se diferentemente, cortam o cabelo de maneira diferente, compram diferentes espécies de carros e de casas, dependendo de sua idade, estado civil, classe econômica e social, e preferências do seu grupo de iguais. Tudo isso é refletido em mudanças na persona. (STEIN, 2005, p.110-111).

Na primeira idade adulta, que Hollis (1995) situa aproximadamente entre os doze e os quarenta anos, o ego da pessoa está voltado para o mundo exterior, o eixo se encontra entre o ego e o mundo, enquanto que, na segunda fase da vida, o eixo passa a ligar o ego ao si-mesmo. A entrada na meia-idade tem mais a ver com experiências psicológicas do que com a idade cronológica. “A passagem do meio ocorre quando a pessoa se vê obrigada a encarar a sua vida como algo mais do que mera sucessão linear de anos.” (HOLLIS, 1995, p.25).

Na primeira fase da vida “[...] o jovem reúne força suficiente para deixar os pais, ingressar no mundo maior, e lutar pela sobrevivência e pela realização do desejo.” (HOLLIS, 1995, p.34). Muitas pessoas quando entram na segunda fase da vida ainda não conseguiram se desprender de seus pais, não tiveram forças para investir em um relacionamento ou em tarefas profissionais. Portanto, essas pessoas chegam à meia-idade apenas cronologicamente, mas continuam vivendo como se ainda fossem adolescentes.

O autor informa que na primeira idade adulta o ego é dirigido pelos complexos materno e paterno e é sustentado pelas projeções. Enquanto essas projeções funcionarem a pessoa não conseguirá entrar em contato com o si-mesmo. A segunda fase da vida terá início quando essas projeções se dissolverem, o que pode trazer a crise da meia-idade, mas é a partir dessa crise que a pessoa pode ter a oportunidade de tornar-se um indivíduo.

Crema (2008) relata que o processo existencial transcorre no reino das polaridades, comparando cada fase da vida às estações do ano. Cada estação tem o seu valor próprio, mas para que aconteça o renascimento da etapa seguinte há a morte da anterior.

O outono, às vezes denominado de meia-idade, é a estação dos frutos, onde o mais fundamental é transmutar os valores do ter e poder para os do ser e transparecer. Finalmente, o inverno é a estação da partida, do silêncio e da prece, quando nos preparamos para o retorno ao Lar, de onde jamais partimos. (CREMA, 2008, p.31).

Prètat (1997) escreve que entre a meia-idade e a velhice, que ela localiza entre os cinquenta e os setenta anos, quase todos passam por uma transição, somos chamados a passar por uma profunda transformação e isso pode trazer ao mesmo tempo esperança e medo.

Brennan e Brewi (1991) classificam a meia-idade a partir dos trinta e cinco ou quarenta anos. Antes dessa idade a pessoa é orientada pelo mundo exterior, mas o amadurecimento independe da idade cronológica, pois existe a possibilidade de maturidade e imaturidade em todas as idades. A pessoa está madura quando está aberta ao crescimento e ao desenvolvimento, e isto independe de sua idade cronológica, no entanto, se a pessoa se fecha, nega a possibilidade de transformação, e então a imaturidade tomou conta dela.

As autoras discutem que na entrada da segunda fase da vida acontece uma mudança expressiva na psique humana. Porém, diferentemente da adolescência, quando o chamado para a mudança parte do mundo exterior, desta vez o chamado vem do mundo interior e quando isso acontece cruzamos a linha divisória. Segundo as autoras, na segunda parte da vida somos chamados a nos confrontarmos com o nosso si-mesmo, e este é o momento de acabar com a seriedade do nosso espírito, de nos acalmarmos para podermos perceber o nosso movimento interior. Esse chamado é um convite para nos tornarmos mais do que somos. Nesse período de individuação e crescimento devemos nos colocar na posição de aguardar o que o nosso verdadeiro ser nos reserva.

Trata-se de um convite para nos tornarmos o si-mesmo único que nascemos para ser. Não há nascimento sem dor. Mas há modos de nascimento que tornam possível a transcendência da dor do trabalho de parto, duplicando a alegria no fim. (BRENNAN; BREWI, 1991, p.33).

Para Monteiro (2008a) a entrada na meia-idade acontece quando a realidade da passagem do tempo vem à consciência, é um período de muitos questionamentos e ressignificações do sentido e significado da vida, o que geralmente acontece entre os 40 e

50 anos de idade. A pessoa pode encarar a velhice como uma fase que traz declínios e perdas, mas que também abre-se para novas possibilidades existenciais, isto significa continuar inserido no processo de viver aceitando as mudanças e limitações próprias do envelhecimento. Envelhecer é transformar os fatos que aconteceram em experiências e se perguntar sempre “Qual o significado disso para minha vida? O que posso modificar?” (MONTEIRO, 2008a, p.74).

Segundo Hollis (1995) o chamado do mundo interior é a oportunidade de reexaminarmos a nossa vida e nos perguntarmos quem realmente somos além dos papéis que representamos. Se não temos consciência dessa passagem podemos ficar presos à primeira fase da vida, independentemente de nosso sucesso. A vida exige que crescamos e assumamos a responsabilidade por ela, isto significa enfrentarmos nossos temores sozinhos. “Requer que deixemos de culpar os outros pelo nosso destino e assumamos total responsabilidade pelo nosso bem-estar físico, emocional e espiritual.” (HOLLIS, 1995, p.58). Não adianta fugir, a vida irá continuar cobrando o nosso crescimento: “Esta é a verdade inabalável da psique: mude ou murche no ressentimento; cresça ou morra interiormente.” (HOLLIS, 1995, p.71).

4.2 O lado escuro

Seguindo a idéia de Jung (2006) o inconsciente contém, além do material reprimido, os componentes subliminais dos sentidos e conteúdos que nem atingiram o limiar da consciência, isto é, conteúdos de ordem pessoal. Também contém conteúdos de ordem coletiva, impessoal, que são os arquétipos. Ele afirma que o inconsciente coletivo influencia de uma maneira invisível a psique individual, o inconsciente nunca está em repouso, mas em constante trabalho de agrupar e reagrupar seus conteúdos.

O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassaram o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência. Corresponde à figura da *sombra*, que frequentemente aparece nos sonhos. (JUNG, 2005, §103, p.58, grifo do autor).

Whitmont (2006) define sombra como “[...] parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Como tudo que é inconsciente é projetado, encontramos a sombra na projeção [...]” (p.144).

A sombra contém características tanto positivas como negativas. O autor constata que é muito comum a sombra aparecer como uma personalidade inferior, mas quando a persona se identifica com qualidades tidas como negativas, então na sombra sobressairão as positivas.

Jung (1988) investiga que traços característicos da nossa sombra podem ser reconhecidos nos outros, pois o inconsciente projeta nos outros conteúdos nossos que não aceitamos, e é difícil termos consciência dessas projeções. A sombra é de natureza pessoal, ela é a representante do inconsciente pessoal.

A sombra pode atrapalhar nossos relacionamentos interpessoais. Existem alguns comportamentos que não toleramos em outras pessoas, isto representa a nossa sombra projetada no outro. Segundo Whitmont (2006) atitudes negativas que podemos perdoar não fazem parte da nossa sombra.

A projeção invariavelmente embaça nossa visão da outra pessoa. Mesmo quando as características projetadas são características reais da outra pessoa [...] a reação afetiva que marca a projeção aponta para *nosso* complexo tonalizado pelo afeto, que embaça nossa visão e interfere como nossa capacidade de ver objetivamente e de nos relacionar humanamente. (WHITMONT, 2006, p.145, grifo do autor).

Para o autor, as características que foram enviadas para a sombra porque estão em oposição com os ideais da persona podem ser importantes para a estrutura da personalidade, mas como foram reprimidas permanecem primitivas e negativas. Como a repressão apenas as removeu da consciência, elas continuam a agir como complexos, sem freios e de maneira separadora.

Stein (2005) informa que um dos fatores inconscientes que o ego não pode controlar é a sombra, pois ele sequer tem consciência de que a projeta. Como a maioria das pessoas se guia pelas regras impostas pelos seus círculos sociais, os elementos sombrios só aparecem acidentalmente, em sonhos ou por impulso. É na sombra que estão localizadas características como a agressão e a inveja, que são consideradas emoções vergonhosas.

Na passagem para a meia-idade, segundo Hollis (1995), já reprimimos grande parte da nossa personalidade, por exemplo, a raiva que frequentemente explode durante essa fase da vida. A sombra se manifesta seja em atos inconscientes, projeções sobre os outros, depressão ou doenças somáticas.

Mas para onde foi a energia associada a esses impulsos naturais? Frequentemente ela alimenta nossas ambições cegas e nos conduz aos narcóticos para amortecer a sua intensidade, ou faz com que maltratemos a nós mesmos e aos outros. Quando ensinam a alguém que a raiva é um pecado ou falha moral, a pessoa se separa da sua verdadeira experiência de constrição. Quando reconhecida e canalizada, a raiva pode ser um enorme estímulo para a mudança. (HOLLIS, 1995, p.60).

O autor aborda que a sombra não deve ser igualada ao mal, mas apenas à vida que foi reprimida, portanto a sombra possui muito potencial. Devemos estar dispostos a aceitar que os conteúdos e a nossa criatividade que foram reprimidos venham à tona e sejam reconhecidos como pertencentes a nós.

Conteúdos reprimidos como raiva e luxúria podem ser destrutivos se permanecerem inconscientes, mas quando tornarem-se conscientes e forem canalizados são novos potenciais em nossas vidas. (HOLLIS, 1995, p.109).

O chamado para a conscientização da meia-idade inicia-se de maneira lenta. Muito antes de se tornarem uma crise, os sintomas já se apresentam como depressão, alcoolismo, casos amorosos, insatisfação no trabalho etc. Os sintomas devem ser bem recebidos, pois são indícios de uma psique saudável e auto-reguladora que está indicando qual o caminho a seguir.

De acordo com Prètat (1997), no processo de envelhecimento até os corpos mais saudáveis podem sentir o peso da idade, isto é, recuperação mais lenta diante de doenças graves, rigidez nas articulações. Sentimos sintomas desagradáveis quando ingerimos determinados alimentos, o nível de energia flutua, ora a pessoa sente-se com a disposição de um jovem em outro momento pode sentir-se muito cansada.

A autora afirma que o importante é dar atenção a esses sintomas, pois o corpo está exigindo uma atenção consciente, e se essa atenção não for percebida pode-se ficar doente, é a maneira que o corpo encontrou para nos fazer parar e reavaliar nossa vida. A maioria das pessoas não respeita as mensagens enviadas por seu corpo, sem perceber que o mundo interior que nos fala pode estar nos indicando novas tarefas, que fazem parte da nova fase da vida. Sentimo-nos perdidos, abandonados porque não percebemos que nossa antiga maneira de estar no mundo precisa perecer para dar caminho ao novo.

A meia-idade e o começo da velhice são momentos de transição e, portanto, trazem a chance de uma grande mudança. Nesses anos aparecem “[...] repetidos desafios para que mudemos exatamente no momento em que sentimos que estamos ficando velhos demais, ou excessivamente acomodados para fazê-lo.” (PRÈTAT, 1997, p.20).

A somatização (transformar o conteúdo psíquico num sintoma físico) pode representar um papel especialmente importante no processo da mudança, como o fez na transição liminar-tardia de Jung. Talvez ele não pudesse ter escrito o que escreveu quando estava na casa dos setenta e dos oitenta anos se não tivesse passado pelas experiências que se seguiram ao seu ataque cardíaco. Reconhecer os sintomas somáticos como símbolos de iniciação facilita o processo de transformação. (PRÊTAT, 1997, p.67).

Os sintomas que se apresentam na meia-idade são imposições de renovação, mediante as quais a pessoa está sendo intimada a deixar seu velho eu morrer, pois só dessa maneira o novo poderá nascer. “Essa morte e renascimento não é um fim em si mesmo; é uma transição.” (HOLLIS, 1995, p.20). Mas essa morte antes do renascimento é vivenciada com sofrimento e, para o autor, isso acontece por falta de ritos de passagem para a vida adulta e também pela falta de ajuda dos outros companheiros, que estão igualmente perdidos. Devido à falta de ritos não há uma preparação para as responsabilidades da vida adulta e conseqüentemente muitos jovens prolongam sua dependência.

É extremamente difícil para aqueles que estão sofrendo muito, na noite escura da alma, aceitar que sua dor é boa para eles, [...] Não existe cura, pois a vida não é uma doença, nem a morte uma punição. Mas existe um caminho que conduz a uma vida mais abundante e significativa. (HOLLIS, 1995, p.53).

Prêtat (1997) analisa que nossa sociedade possui poucos ritos de passagem para as épocas liminares da idade e que mesmo que queiramos participar de comemorações que marquem nossa passagem para a velhice, muitos se sentiriam inibidos em celebrar um processo de envelhecimento que aprendemos a repudiar. Mas nosso corpo pode começar a apresentar sintomas no propósito de que prestemos atenção a ele, e isso para a autora pode ter uma qualidade simbólica ou ritualística.

Por medo de encararmos a nova vida que se apresenta vamo-nos tornando cada vez mais ocupados, portanto sem tempo para prestarmos atenção aos avisos que nosso corpo envia. Dessa maneira corremos o risco de mergulharmos em uma depressão paralisante e raramente somos sábios para respeitarmos esses sintomas como elementos necessários para uma nova maneira de ser. Se escutarmos o nosso corpo que envelhece e sua dor, poderemos ouvir o que o mundo interior tem a nos dizer. “A visão interior que fala através do nosso corpo pode estar tentando indicar novas tarefas que nos aguardam.” (PRÊTAT, 1997, p.116).

Muitas vezes esse novo modo de ser parece transmitir ao indivíduo que o significado da vida foi arrancado, e isso pode trazer um período de raiva e tristeza antes de

se aceitar novas atitudes. Muitos idosos não conseguem se ligar à sua própria criatividade e mergulham em projetos de vida de outros. Esta situação pode até ser benéfica, mas corre-se o risco de forçarmos aqueles que ajudamos a viver nossos sonhos. Se as pessoas forem fiéis à interiorização de sua energia, sacrificando antigos costumes, então deixamos emergir novas energias e deixamos de ouvir antigas vozes interiores. Com isso o relacionamento entre ego e o si-mesmo muda e novas atitudes e idéias começam a surgir.

Para a autora é importante essa necessidade de recolhimento que o processo de envelhecimento traz, pois é a chance da criança interior do passado ser transformada pelo contato com as profundezas do inconsciente, e quando ela retorna chega carregando a criança do futuro.

Quando compreendemos que fazemos parte de um ciclo que periodicamente nos arrasta para as sombras da inconsciência e depois nos traz novamente para a luz onde podemos florescer, começamos a nos conhecer de uma nova maneira. Envelhecer torna-se então uma exploração estimulante que abre as portas do nosso futuro nesta vida e além dela. (PRÉTAT, 1997, p. 176).

Para Hollis (1995), em nome da persona negligenciamos nossa realidade interna, portanto a sombra contém tudo que é vital e problemático, tanto a raiva, a sexualidade, como também a alegria, a espontaneidade. É tudo aquilo que escondemos por trás de nossa persona e não assumimos como pertencentes a nós, portanto projetamos nos outros. Costumamos ver a luxúria, egoísmo, raiva, dependência e ciúme como pecados ou falhas morais, portanto não os aceitamos como fazendo parte de nós, e os jogamos para a sombra.

Antes da meia-idade projetamos nos outros essas qualidades, mas agora o si-mesmo cobra que olhemos para essas nossas qualidades inferiores. O encontro é doloroso, mas se as reconhecermos como pertencentes a nós mesmos podemos retirar a projeção do outro e dessa maneira ampliar nossa consciência.

De acordo com Brennan e Brewi (1991) os conteúdos reprimidos são menores que a sombra por eles projetada, portanto se retirarmos as projeções e admitimos como pertencentes a nós ela enfraquece, nos transforma e nos dá novas energias para amarmos a nós mesmos e aos outros. Quando travamos amizades conosco não precisamos mais projetar nos outros o que nos pertence.

Prètat (1997) relata como geralmente projetamos no outro nossas qualidades indesejáveis, desse modo, um velho pode achar que os jovens são promíscuos, desatenciosos, irresponsáveis, impacientes, rebeldes, sem perceber que é ele que está projetando conteúdos de sua psique no outro, ou então tornar-se uma pessoa deprimida e

amarga. Nos jovens essa projeção também pode aparecer: acham os idosos maçantes, rabugentos, conservadores etc.

A autora afirma que ao envelhecer a pessoa continua presa a essas projeções, onde há a valorização da juventude e o menosprezo à velhice. Então o ataque contra o processo de envelhecimento vem do interior do próprio indivíduo, havendo assim um bloqueio e uma dificuldade de perceber a possibilidade da criatividade ou do renascimento psicológico.

Na sombra estão nossos complexos, que podem se manifestar através de sintomas, entre os quais o medo. Talvez por trás do medo de envelhecer esteja o medo da nossa transformação para uma nova vida.

Na meia-idade, para que o processo de individuação continue de maneira saudável é preciso começar a recolher as projeções para si. Uma das projeções que precisam ser dissolvidas na meia-idade é a que está relacionada com o papel do pai ou da mãe como protetor simbólico, “[...] os pais que vivem a própria vida não são inconscientemente ciumentos, não projetam expectativas e limitações sobre a criança. Quando mais individuado o pai ou a mãe, mais livre pode ser o filho [...]” (HOLLIS, 1995, p.90). Outra projeção que deve ser recolhida na meia-idade, segundo o autor, diz respeito ao Outro Íntimo que foi colocado no papel de cuidador de nós para sempre, e que agora deve ser visto como pessoa comum, como nós mesmos, que também projeta sobre nós expectativas semelhantes às nossas.

Uma pessoa que tenha sofrido uma perda e a retirada das projeções terá lutado contra as dependências que nos perseguem a todos, mas também terá feito a pergunta seguinte: ‘Que parte do meu eu desconhecido estava amarrada àquela pessoa ou àquele papel?’ Quando podemos reconhecer a perda e recuperar a energia que investimos certa vez fora de nós mesmos, ela se torna disponível para o estágio seguinte da jornada. (HOLLIS, 1995, p.141).

Prètat (1997) relata que a sociedade ocidental valoriza o jovem, pois são gastos bilhões de dólares para que se conserve a aparência, capacidade e atitude jovens. Segundo a autora, pessoas que vivem de acordo com esses valores, quando não se vêm nem jovens e nem velhos podem sentir-se deprimidas, certas de que perderam sua identidade. Essa maneira de estar no mundo precisa morrer para que possamos abrir caminho para um novo modo de viver. Entretanto, no lugar disso ficamos abandonados achando que a criatividade e o vigor foram perdidos.

Em uma sociedade em que apenas os jovens são considerados vivos e a velhice é considerada como a entrada para a morte, os idosos convivem com a ausência de valores em si e no ambiente que os cerca, trazendo a depressão e a espera da morte. Nossa sociedade vê a morte como conclusiva e não como transformadora. Prêtat (1997) aborda que a maturidade pode nos ajudar e nos diferenciar daqueles que atacam e menosprezam a velhice, mas se essa voz vem de dentro de nós mesmos, tendemos a ter uma visão distorcida e nos veremos como bruxa, coroa, velhote, vovô etc. Ao ficarmos presos nesse mundo distorcido não conseguimos ver a possibilidade da criatividade ou de renascimento psicológico. Para muitos é preferível morrer que envelhecer.

Vivemos numa cultura onde a velocidade e ação imediata são valorizadas, falta tolerância para o lento envelhecer e no lugar de se valorizar o processo natural do envelhecimento, a sabedoria que a vida trouxe, tem-se a preocupação de negar e ocultar a idade. A dor e o envelhecimento são mestres que conferem uma força elástica ao indivíduo e quando somos testados, no lugar de nos partirmos essa força nos faz vergar. (PRÉTAT, 1997).

Na sociedade ocidental a persona juvenil representa valores supremos, portanto até mesmo as pessoas idosas negam a sabedoria da velhice, pois os homens continuam em suas posições machistas e as mulheres fazendo de tudo para continuarem jovens, se privando dessa maneira “[...] do acesso à sabedoria, criatividade e poder do envelhecimento natural.” (PRÉTAT, 1997, p.60).

Afirmar que todos os velhos são sábios e têm muito a ensinar constitui-se em um exemplo de preconceito positivo. Para que comportamentos sábios aflorem na velhice dependemos das vivências do passado e que a pessoa “[...] seja capaz de contextualizar devidamente os fatos, que esteja motivada a oferecer a sua experiência e que exista um ambiente de aceitação e de valorização do que ela tem a oferecer” (NERI, 2007a, p.41). Mas, infelizmente, a sabedoria dos mais velhos não é aceita em uma sociedade onde as mudanças sociais e tecnológicas são muito rápidas.

Monteiro (2008a) questiona o envelhecimento em uma sociedade onde o valor maior está em ser jovem; atualmente busca-se a todo preço o prazer, felicidade e um corpo saudável, e a referência é sempre o jovem.

O envelhecer pode nos trazer modos diferentes de ver a vida, rirmos de nós mesmos, nos libertarmos das convenções, termos um arsenal de experiências e recordações. Mas isto também pode nos trazer lamentações pelas perdas, tristeza,

isolamento, sentirmo-nos inúteis e, segundo a autora, todas essas possibilidades estão presentes em nós, cabe-nos escolhermos qual caminho seguir.

Muitas pessoas que passam pelo processo de envelhecimento dão uma importância exagerada à aparência física, reparam em cada ruga que aparece e em cada pequeno sinal que o envelhecimento trás. Muitas evitam o espelho, pois não reconhecem a imagem refletida. Prètat (1997) relata que há a necessidade, ao envelhecermos, de prestarmos atenção ao nosso peso, alimentação e exercícios, pois muitas pessoas, não se achando mais objeto de desejo, relaxam com a sua aparência física, como também deixam de cuidar de sua psique, não assumindo responsabilidade pelo seu bem-estar e mental.

Outro aspecto que está na sombra, e que na transição da meia-idade precisa ser resgatada, é a função inferior. Jung constata que temos quatro funções e elas se dispõem duas a duas, em oposição. Dessas quatro funções duas são de percepção (sensação e intuição) e duas são de julgamento (pensamento e sentimento). Além das funções possuímos as atitudes introvertida ou extrovertida. Resultando assim, em oito tipos psicológicos.

Brennan e Brewi (1991) afirmam que a nossa tipologia é desenvolvida na primeira fase da vida, e que mesmo compartilhando essa tipologia com bilhões de outras pessoas ela será única para cada indivíduo, e será expressa tanto na primeira fase da vida como na segunda, dentro do modo individual e próprio de cada pessoa.

Nossa tipologia flui a partir de uma junção de opostos: introversão/extroversão, pensamento/sentimento, intuição/percepção. [...] Uma personalidade saudável, durante a primeira metade da vida, inclina-se em direção a uma seleção inconsciente ou a uma aptidão natural para um aspecto de cada par. (BRENNAN; BREWI, 1991, p.26).

Todos nós temos as quatro funções e as duas atitudes, sendo que um dos pares está na consciência e outro no inconsciente (sombra), isto é, todos nós temos uma atitude e duas funções na consciência, sendo uma de percepção e outra de julgamento. Se o indivíduo tem a atitude introvertida e as funções intuição e pensamento, por exemplo, sua sombra será extrovertida, sensação e sentimento. Uma das funções na consciência será a mais desenvolvida e é chamada de função primária ou principal, e a outra será a função auxiliar. A função menos desenvolvida (o par oposto da mais desenvolvida) é a função inferior.

O processo de individuação é a ampliação da consciência, portanto é a integração de conteúdos do inconsciente na consciência. Para Brennan e Brewi (1991) é na transição da meia-idade que acontece o convite para a aceitação das funções que estão na nossa

sombra, devemos compreender que as funções pouco desenvolvidas são partes verdadeiras em nós.

Por ser a segunda metade da vida um chamado para transformarmos (não para mudarmos) nosso tipo de personalidade e para desenvolvermos as outras funções e atitudes opostas, há uma possibilidade genuína de que a transição da meia-idade opere uma conversão em relação ao entretenimento. As pessoas na meia-idade, abertas ao crescimento e à mudança, começarão a se interessar por coisas diferentes daqueles que costumavam ser suas preocupações primárias. Elas começarão a sentir sua própria falta de desenvolvimento, falta de integridade, de alegria, de espontaneidade e de expansividade. Trata-se de um apelo para que dediquemos atenção às nossas atitudes e funções esquecidas. Elas fazem parte de nossa sombra. São o lado inconsciente esquecido de nossa personalidade que vemos como inferiores e desfavoráveis. [...] Acredito que os adultos que conseguem negociar com sucesso sua passagem para a meia-idade experimentem, em seus anos mais avançados, uma nova força, um novo poder e uma nova sabedoria. Será possível que no âmago desse pentecostes final na vida da pessoa esteja a verdadeira pérola de grande valor, o espírito lúdico? (BRENNAN; BREWI, 1991, p.160-161).

As autoras relatam que a função que une os pares de opostos dentro de nós é a função transcendente. “Ela transcende sua oposição intrínseca e rejeição mútua. Este é o objetivo da individuação: a integração das diversas partes de nós mesmos em nosso si-mesmo único, o si-mesmo integral que deveríamos ser desde o início.” (BRENNAN; BREWI, 1991, p.30).

4.3 A bissexualidade psíquica

“Denomino persona a atitude externa, o caráter externo; e a atitude interna *denomino anima, alma*” (JUNG, 2008, §758 p.391, grifo do autor). De acordo com Jung (2008) mudar a persona é muito difícil, muitas pessoas permanecem com sua persona inalterada por toda a vida, e igualmente difícil é mudar a alma, pois sua estrutura é tão firme como a da persona. A alma possui as qualidades humanas que faltam à persona.

No homem, a alma é chamada de anima e na mulher animus. A atitude externa do homem geralmente está associada à lógica, à objetividade; já nas mulheres verifica-se a predominância dos sentimentos. Na alma a atitude será invertida, “[...] o homem sente e a mulher delibera.” (JUNG, 2008, §759, p.392).

A imagem de mulher que o homem carrega dentro de si inconscientemente é um arquétipo, são todas as experiências que os antepassados tiveram com o ser feminino que

lhes são transmitidas por hereditariedade. Se a mulher não mais existisse, mesmo assim seria possível dizer como uma mulher deveria ser, tomando como ponto de partida essa imagem do inconsciente. O mesmo se aplica à mulher, pois ela carrega inconscientemente o arquétipo masculino. Já que essas imagens são inconscientes, elas sempre serão projetadas. As projeções de anima/animus são as responsáveis pela atração ou repulsa sobre o sexo oposto. (JUNG, 1986, §338, p.203).

O homem apaixona-se pela mulher que corresponde à sua anima por projeção. Jung (2006) aborda que o homem vai interessar-se amorosamente pela mulher que acolha a projeção da sua feminilidade inconsciente. Enquanto a anima ou animus forem inconscientes eles sempre serão projetados, pois sempre o inconsciente é projetado.

Hollis (1995) resume os conceitos dizendo que a anima é a experiência do aspecto feminino no homem, que inicialmente é influenciada pela mãe e outras mulheres, mas com uma leitura subjetiva para cada homem. A experiência da anima é o que vai delinear seus relacionamentos com os outros, com o próprio corpo, seus instintos e seus sentimentos. Na mulher a experiência do aspecto masculino será o animus, que teve influência do pai e da cultura, mas que também é único para cada mulher. O animus representa na mulher o seu lado prático, seu poder de realizar seus desejos e viver a própria vida.

Anima e animus são personalidades subjetivas e representam um nível do inconsciente mais profundo que a sombra. Elas revelam as características da alma e são a ponte que faz a ligação com os domínios do inconsciente coletivo (STEIN, 2005). De acordo com o autor, anima/animus é uma estrutura psíquica que complementa a persona e vincula o ego à imagem e experiência do si-mesmo, permitindo que o ego tenha a experiência das profundezas da psique. Do mesmo modo que a persona está voltada para o mundo exterior ajudando as adaptações sociais, anima/animus está voltada para o mundo interior da psique, auxiliando na adaptação das “[...] exigências e necessidades dos pensamentos intuitivos, sentimentos, imagens e emoções com que o ego se defronta.” (STEIN, 2005, p.120).

[...] referir-me-ei a essa estrutura interna como anima/animus. Ela é, tal como a sombra, uma personalidade dentro da psique que não combina a representação de si mesmo e a identidade de si mesmo refletida pela persona. É diferente, porém, da sombra, na medida em que não pertence do mesmo modo ao ego: é mais ‘outro’ do que a sombra é. Se a distinção entre persona e sombra é ‘bom *versus* mau’ – mais e menos, aspectos positivo e negativo do ego – a distinção entre ego e anima/animus é marcada pelas polaridades masculino-feminino. Não é a diferença entre Caim e Abel mas entre Salomão e a Rainha de Sabá. (STEIN, 2005, p.116, grifo do autor).

Persona é a relação com o mundo exterior e fará oposição à sombra apenas em relação aos conteúdos rejeitados da persona. Anima e animus fazem a conexão, de uma maneira muito profunda, entre o mundo interno e o ego. Assim pode-se entrar em contato com o oposto da persona, mas para que isso aconteça é necessário que se aceite a sombra. Anima e animus têm o poder de transformar, mas se não estiverem suficientemente desenvolvidas pode acontecer de anima/animus tomarem o lugar da persona, podendo inclusive possuir a pessoa de maneira negativa.

Essas duas figuras crepusculares do fundo obscuro da psique, a anima e o animus [...] podem assumir numerosos aspectos, que encheriam volumes inteiros. Suas complicações e transformações são ricas como o próprio mundo, e tão extensas como a variedade incalculável do seu correlato consciente, a persona. Habitam uma esfera de penumbra, e dificilmente percebemos que ambos, anima e animus, são complexos autônomos que constituem uma função psicológica do homem e da mulher. Sua autonomia e falta de desenvolvimento usurpa, ou melhor, retém o pleno desabrochar de uma personalidade. Entretanto, já podemos antever a possibilidade de destruir sua personificação, pois conscientizando-os podemos convertê-los em pontes que nos conduzem ao inconsciente. Se não os utilizarmos intencionalmente como funções continuarão a ser complexos personificados e nesse estado terão que ser reconhecidos como personalidades relativamente independentes. Por outro lado, não podem ser integrados à consciência enquanto seus conteúdos permanecerem desconhecidos. No entanto, a tentativa de explicação com eles deverá trazer à luz seus conteúdos; só quando esta tarefa for cumprida, isto é, só quando a consciência familiarizar-se suficientemente com os processos inconscientes refletidos na anima, esta última será percebida como uma simples função. (JUNG, 2006, §339, p.86).

Atualmente pouca atenção é prestada ao desenvolvimento do mundo interior, portanto para a maioria das pessoas as profundezas da psique constituem-se em um mundo primitivo. É na entrada da meia-idade que haverá a necessidade de um desenvolvimento do mundo interior, pois o ego é sacudido pelo conflito entre persona e anima/animus, isto pode ser considerado um apelo para que se siga “[...] na estrada que leva ao desenvolvimento individual.” (STEIN, 2005, p.122).

Segundo Brennan e Brewi (1991) a transição da meia-idade propicia a aceitação da anima/animus dentro de nós. Independente de nos sentirmos bem como homem ou mulher, erupções internas do lado oposto se fazem presentes, isto significa que estamos sendo chamados a olhar o nosso complemento.

O aspecto feminino de si mesmo não irá arruinar sua masculinidade, mas desejará ser integrado na sua atitude masculina consciente, transformando-a dessa maneira, e tornando-a ainda mais masculina com a beleza do feminino.

[...]

Quando a imagem masculina é despertada numa mulher, sua antiga maneira de adaptar-se é desafiada. Se ela permite que o masculino aflore e se integre à sua

personalidade consciente, ocorre uma transformação. (BRENNAN; BREWI, 1991, p.22-23).

Na meia-idade, seria ideal que nos sentíssemos bastante à vontade com nossa masculinidade ou feminilidade a ponto de deixar o lado oposto ter uma participação ativa na nova pessoa em que estamos nos transformando, pois anima/animus possuem contribuições-chaves para alcançarmos o nosso desenvolvimento. Quando integramos o nosso lado oposto, que estava na sombra da nossa consciência, deixamos de projetá-lo nos outros e dessa maneira “Não mais precisamos fazer ídolos, demônios ou bruxas uns dos outros.” (BRENNAN; BREWI, 1991, p.23).

Se um indivíduo lutou séria e longamente com a sua *anima* ou o seu *animus* de maneira a não se deixar identificar parcialmente com eles, o inconsciente muda o seu caráter dominante e aparece numa nova forma simbólica, representada pelo *self*, o núcleo mais profundo da psique. (VON FRANZ, 2002, p.196, grifo da autora).

4.4 Ouvindo o chamado interior

[...] eu acolho o envelhecimento. [...] À medida que se cresce, aprende-se mais. Se ficássemos parados nos vinte e dois anos, ficaríamos sempre ignorantes como quando tínhamos vinte e dois. Envelhecer não é só decair fisicamente. É crescer. É mais do que o fato negativo de que se vai morrer, é também o fato positivo de que se *compreende* que se vai morrer e que se pode viver melhor por causa disso. [...] Quem encontra um sentido para a vida não deseja voltar atrás. Deseja ir em frente. Quer ver mais, fazer mais.
[...] Quem passa o tempo batalhando contra o envelhecimento sempre será infeliz, porque o envelhecimento é inexorável. (ALBOM, 1998, p.117, grifo do autor).

No trecho acima Albom (1998) relata um dos encontros que teve, uma vez por semana, com seu velho professor, que se encontrava paralisado sobre uma cama e à beira da morte. O assunto dos encontros era o sentido da vida. É no capítulo intitulado *O medo de envelhecer*, que o autor recebe do velho professor essa resposta que considero paradigmática para o tema que aqui desenvolvo.

Segundo a Psicologia Analítica, individuação é o surgimento do si-mesmo na estrutura psicológica e na consciência. No processo de individuação é preciso romper com a persona e entrar em contato com a sombra (aspectos da personalidade que a pessoa não aceita como seus). Essa exigência da integração da sombra, de não mais negar aquilo que

nos pertence, provém do si-mesmo. O confronto com anima/animus também possui um papel fundamental no processo de individuação, pois faz a ponte de ligação entre o ego e o Self.

Portanto, trata-se do desenvolvimento do indivíduo como ser distinto da coletividade, mas ao mesmo tempo universal, o que faz com que ele se volte para os outros. “Podemos pois traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si-mesmo’ [...] ou ‘o realizar-se do si-mesmo’.” (JUNG, 2006, §266, p.49).

A sombra representa o primeiro estágio para encontrar o Self, “Só quando sofrermos o choque de ver a nós mesmos como realmente somos, e não como desejamos ou esperançosamente presumimos ser, é que poderemos dar o primeiro passo em direção à realidade individual.” (WHITMONT, 2006, p.148).

Quem progredir no caminho da realização do *si-mesmo* inconsciente trará inevitavelmente à consciência conteúdos do inconsciente pessoal, ampliando o âmbito de sua personalidade. Poderia acrescentar que esta ‘ampliação’ se refere em primeiro lugar, à consciência moral, ao autoconhecimento, pois os conteúdos do inconsciente liberados e conscientizados pela análise são em geral desagradáveis e por isso mesmo foram reprimidos. (JUNG, 2006, §218, p.12, grifo do autor).

Segundo Jung (2006) o inconsciente sempre visa um novo equilíbrio e tal meta é alcançada sempre que a consciência for capaz de compreender e digerir os conteúdos produzidos pelo inconsciente. Caso a consciência não consiga processar a compreensão adequada dos conteúdos inconscientes o resultado será um conflito paralisante.

É a partir dos questionamentos que aparecem na passagem da primeira fase para a segunda fase da vida que passamos a buscar o sentido da vida, o que realmente somos. É esta passagem que Jung chamou de metanóia.

Metanoein significa mudar a maneira de pensar, sair para outro nível de consciência ou de atitude mental. Jung anunciou a necessidade de mudanças, de expansão da consciência ao longo da vida, sempre ligada às demandas externas tanto quanto às internas e do inconsciente. A esta realidade transformacional, de encontro com a própria potencialidade intrínseca, chamou de Processo de Individuação. (MONTEIRO, 2008a, p.10, grifo da autora).

Cavalheiro (2008) define metanóia como:

Metanóia significa mudança radical vinda de uma força inconsciente que entra em conflito com a consciência sintônica com o *status quo* adquirido com tanto esforço. Ela produz angústia, depressão, pensamento de morte, assim como perspectiva de liberdade, de planos, de um novo renovador que muda o rumo de

uma vida. Enfim, remete-os ao conflito. A metanóia remete ao corte que rompe o contínuo da história, estabelecendo uma outra ordem. Um início, uma mutação, um outro que traça no presente uma origem. (CAVALHEIRO, 2008, p.88).

O processo de individuação visa tornar o indivíduo único dentro de uma coletividade, onde esse indivíduo poderá respeitar a sua singularidade e a individualidade dos outros. “A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é.” (JUNG, 2006, §267, p.50).

O autor constata que o indivíduo precisa distinguir entre o que ele é para os outros e o que ele é para si mesmo. É necessário distinguir sua persona de seu cargo, o que não é tão difícil, mas também conhecer sua anima/animus para se diferenciar dela, e isso se torna mais difícil pelo fato desta ser invisível.

Não é apenas desejável que o homem se individue, mas absolutamente necessário. Caso contrário a relação com os outros será irreal e o levará às situações e atitudes que o colocariam em contradição consigo mesmo, desta maneira o homem se sentiria preso a uma condição que não é a sua verdade. Ele só se sentirá livre quando puder agir de acordo com o ser que é verdadeiramente. “[...] não há possibilidade de cura ou de melhoria no mundo que não comece pelo próprio indivíduo.” (JUNG, 2006, §373, p.101).

Periodicamente devemos nos perguntar “O que estou sendo chamado a fazer?” (HOLLIS, 1995, p.103). A resposta deve ser ouvida com humildade e muitas vezes nos indica um caminho completamente diferente do que estamos seguindo até então. O sacrifício do ego será doloroso, pois este necessita de conforto e segurança material, mas se não atendermos ao chamado, quando olharmos para trás a dor será muito maior. O autor informa que escutando a voz interior e seguindo o caminho que ela nos indica podemos parecer estranhos para aqueles que julgavam nos conhecer, mas não mais estranhos para nós mesmos.

Como o que está dentro de nós recebeu tão pouco apoio, temos grande dificuldade em saber que o quê temos buscado todo esse tempo, o caminho certo para nós, já está presente. Embora seja assustador contemplar a grandiosidade da nossa tarefa, também é libertador, num sentido supremo, saber que temos dentro de nós os recursos necessários e não dependemos de outra pessoa para viver mais plenamente a nossa vida. (HOLLIS, 1995, p.132).

Segundo Von Franz (2002) devemos nos entregar a esse chamado pois ele nos guiará pelo caminho de uma auto-realização criadora e única. Esses impulsos orientadores

não vêm do ego, mas sim da totalidade da psique que é o Self. Obedecer ao processo de individuação muitas vezes traz para a pessoa a impossibilidade de fazer o que quer e o que os outros querem que ela faça, às vezes precisará se separar de suas relações pessoais para continuar o seu desenvolvimento. “O processo de individuação parece-nos, muitas vezes, mais um peso do que uma bênção imediata.” (VON FRANZ, 2002, p.218).

Brennan e Brewi (1991) relatam que parece que nosso inconsciente vai à nossa frente nos conduzindo, é ele que nos conecta com o mistério do nosso si-mesmo e nos abre caminho para outro tipo de conhecimento. Algumas pessoas na transição da meia-idade vivem uma solidão, uma necessidade de voltar-se para seu mundo interior. É nesse momento que está sendo preparado um novo nascimento.

O caminho da não-ação é, de modo mais completo, o caminho da segunda metade da vida. [...] Não que ela esteja à deriva, sem tomar decisões – longe disso – mas a pessoa permite que as decisões brotem de dentro dela. [...] Há um grande paradoxo envolvido nessa aparente não-atividade, pois quando a pessoa aparenta estar inativa, uma força interior muito profunda está fazendo coisas enormes. A pessoa está permitindo que a força criativa de seu centro emerja. (BRENNAN; BREWI, 1991, p.84).

Sobre o processo de individuação, Monteiro (2008a) relata “A individuação é uma predeterminação que vem de dentro, é um processo permanente de autotranscendência que culmina com a consciência do *self*, pela qual o ego ou a consciência percebem que há poderes ‘além’ de si, que a ultrapassa.” (p.67, grifo da autora).

A autora salienta que nós escolhemos como viver, portanto escolher de que maneira vamos envelhecer deve ser também de nossa responsabilidade, mas somos movidos por forças que nos antecederam e nos determinaram. Para envelhecermos de modo saudável é preciso nos libertar de todas essas forças que nos escravizaram.

De acordo com Von Franz (2002) o maior empreendimento do homem é seguir seu destino, e para que isso aconteça devemos ceder às exigências do nosso verdadeiro eu, pois o processo de individuação só é real se o indivíduo estiver consciente dele e julgar-se capaz de ter uma participação ativa e consciente em seu desenvolvimento psicológico.

O processo de individuação é, na verdade, mais que um simples acordo entre a semente inata da totalidade e as circunstâncias externas que constituem o seu destino. Sua experiência subjetiva sugere a intervenção ativa e criadora de alguma força suprapessoal. Por vezes, sentimos que o inconsciente nos está guiando de acordo com um desígnio secreto. É como se algo nos estivesse olhando, algo que não vemos mas que nos vê a nós – talvez o Grande Homem que vive em nosso coração e que, através dos sonhos, nos vem dizer o que pensa a nosso respeito. (VON FRANZ, 2002, p.162).

Nas palavras de Prêtat (1997) esse período de transição para a meia-idade é como se ficássemos presos em um vestíbulo escuro onde as portas do passado se fecharam atrás de nós e as portas para o futuro ainda não se abriram.

Ouvindo o chamado interior que se manifesta na meia-idade podemos tomar consciência dos nossos aspectos sombrios, deixando de projetar tais conteúdos nos outros e assumindo-os como questões próprias. Assim podemos aceitarmo-nos exatamente como somos e aproveitar o lado criativo que a sombra pode nos trazer.

Algumas vezes tudo parece bem externamente, mas no íntimo a pessoa está sofrendo de um tédio mortal que torna tudo vazio e sem sentido.

[...]

Só há uma atitude que parece alcançar algum resultado: voltar-se para as trevas que se aproximam, sem nenhum preconceito e com a maior singeleza, e tentar descobrir qual o seu objetivo secreto e o que vêm solicitar do indivíduo. (VON FRANZ, 2002, p.166-167).

Hollis (1995) discute que a integração da sombra nos traz a exigência de vivermos com responsabilidade na sociedade, além de sermos mais sinceros com nós mesmos. Quando dialogamos com nossa sombra tiramos dos outros o que projetamos neles, e assim poderemos seguir nosso caminho, concentrando-nos em nosso próprio processo de individuação e deixando de nos envolver no caminho dos outros.

No processo de envelhecimento o mundo que nos cerca se altera, velhos amigos partem ou não fazem mais sentido, no contexto familiar perdem-se os papéis e temos que assumir novos, e muitas vezes não nos reconhecemos nesses novos padrões e novas tarefas. “[...] muitas pessoas mais velhas que se encontram no processo de individuação sentem-se como parte de um todo muito mais amplo do que seu ego individual, vivenciando um encontro e uma união com o poder superior, o Si-mesmo.” (PRÊTAT, 1997, p.81).

4.5 A criança e o velho na psique

Para a Psicologia Analítica o arquétipo do puer-senex tem relação com a velhice (senex) e a juventude (puer) e formam um par de opostos complementares. A dinâmica do puer diz respeito ao futuro, é a energia que faz se mover para os ideais, enquanto que a

dinâmica do senex é a energia de fixação, cautela; ela é voltada para o passado, para a história.

Essas duas dinâmicas psicológicas trazem aspectos positivos e negativos, na *Criança/Puer* encontramos: espontaneidade, curiosidade, liberdade, mudança, pressa, fantasia, tanto quanto irresponsabilidade, desligamento da realidade, onipotência...; no *Velho/Senex* encontramos: compreensão, lentidão, sabedoria, tanto quanto rigidez, impotência, negatividade... [...] (MONTEIRO, 2008a, p.71, grifo da autora).

O puer e senex fazem parte do desenvolvimento humano e podem aparecer em qualquer fase da vida e influenciar qualquer complexo. Atitudes pueris não são exclusivas da juventude e nem as qualidades senis pertencem apenas à velhice, “O puer inspira o brotar das coisas; o senex governa a colheita. Mas florescer e colher dão-se intermitentemente durante toda a vida.” (HILLMAN, 2008, p.24).

É importante constelar o arquétipo criança-velho, pois este é fonte inesgotável de energia para o processo de individuação ao longo da vida e principalmente no envelhecimento. “A vivência desse eixo: criança-velho ou *puer-senex*, é a base do envelhecer saudável.” (MONTEIRO, 2008b, p.55, grifo da autora).

Ativar as dinâmicas arquetípicas da criança (puer) nos trará energia para realizarmos novos projetos na passagem da meia-idade e chegarmos à velhice com perspectivas de futuro.

Hillman (2008) relata que é fundamental que as duas faces do arquétipo estejam voltadas uma para a outra, dessa maneira estará ativado o arquétipo *puer-et-senex*, concebidos de um lado como o dínamo e de outro como a ordem. Se apenas uma das polaridades é ativada, então retrata-se o puer negativo ou o senex negativo. Dessa maneira as polaridades perdem a consciência ambivalente da união, e têm-se a consciência egóica separada do inconsciente.

Esse arquétipo do puer e senex é, portanto, especificamente constelado nesse ponto médio, quando as duas faces estão tão próximas uma da outra, e ainda assim parecem olhar em direções opostas. Terapeuticamente, pode ser de valor inestimável para o indivíduo tomar consciência (não que ele está ‘ficando velho’) mas que ele está no meio de uma situação simbólica caracterizada por ambivalência de sentimento e de atitude, e que seus medos e confusões são adequados. Essa percepção de que sua psique é agora governada principalmente pelo dominante puer-senex que é união de iguais pode salvá-lo de visão apenas egóica de sua situação em termos de oposições e alternativas necessárias, rejeitando uma no intuito de ganhar a outra. (HILLMAN, 2008, p.51).

Apoiando-se nesses conceitos, Machado (2005) afirma que podemos ver a velhice e a juventude sob novos parâmetros. Portanto, o velho, independente de sua idade, é aquele que tem atitudes com base na polaridade senex, ignorando completamente a polaridade puer.

Quando apenas um dos pólos do arquétipo é ativado, o pólo que está na sombra é projetado sobre o outro e não o reconhecemos como pertencente a nós. O jovem que tem apenas o aspecto puer ativado em sua consciência rejeita a velhice, vendo apenas seu lado negativo. O velho que só tem o senex na consciência mantém o puer em seu inconsciente, achando, assim, o jovem inconsequente. Na nossa sociedade há uma valorização do puer, dessa maneira destacam-se todas as suas características, inclusive as negativas.

Devemos ainda concluir que o senex negativo é o senex separado de seu próprio aspecto puer. Ele perdeu sua 'criança'. O cerne arquetípico do complexo, agora cindido, perde sua tensão inerente, sua ambivalência e está simplesmente morto em meio a seu brilho que é seu próprio eclipse, como negativo *Sol Níger*. [...] Tal espírito é unilateral, e unilateralidade é mutilante. O ser fica estático, pleroma que não pode vir a ser. [...] A sexualidade sem o eros jovem torna-se lasciva, caprina; a fraqueza se converte em queixumes; o isolamento criativo apenas em solidão paranóica. Porque o complexo fica incapaz de compreender e semear, ele se alimenta do crescimento de outros complexos ou de outras pessoas como, por exemplo, o crescimento dos próprios filhos [...] (HILLMAN, 2008, p.33, grifo do autor).

Essa cisão de polaridades é que traz o conflito entre gerações, ela mostra que “[...] estamos separados de nossa própria semelhança e que transformamos nossa igualdade com essa semelhança em diferença.” (HILLMAN, 2008, p.55-56).

O Self é atemporal, isto é, ele não está preocupado com o envelhecimento e com o conflito de gerações, portanto quem faz a divisão entre velho-novo é a consciência egóica. “Assim o ego atua como a sombra do Self.” (HILLMAN, 2008, p.50).

O autor deduz que atitudes do senex negativo e do senex positivo refletem a divisão ou a união dentro do arquétipo puer-senex.

O eixo Criança/Velho ou Puer/Senex representa dois lados da mesma moeda, isto é, um não existe sem o outro. Quanto mais se polariza um dos lados, maior será a tendência do pólo que ficou inconsciente de ser projetado, de modo que tente invalidar aquilo que não pertence à consciência. “Quando polarizados, são vividos de forma negativa, tornando-se, quando jovem, o *puer-eterno* e, na velhice, o *velho senil*.” (MONTEIRO, 2008a, p.71, grifo da autora).

Quando o arquétipo é polarizado vive-se apenas um modo de ser, ou puer ou senex, não permitindo um diálogo entre as duas polaridades ao longo da vida. A polaridade traz o

aspecto negativo de cada pólo: “O excesso de *puer* no velho pode transformá-lo em infantilóide ou num arremedo de juventude, como o ‘*puer* eterno’.” (MONTEIRO, 2008b, p.57, grifo da autora).

Segundo a autora, a ativação do eixo puer-senex nos afastará do velho senil e nos fornecerá a sabedoria no envelhecer, o velho terá vivências positivas quando integrar o arquétipo da criança. As dinâmicas arquetípicas do puer no envelhecer são fonte de vitalidade e saúde. No meio da vida e na velhice é preciso manter-se na articulação dos dois pólos, sem tender para nenhum dos lados.

[...] abandonar as dinâmicas arquetípicas da criança nos leva ao perigo do aprisionamento nas dinâmicas do *senex*: objetividade, rigidez e certezas absolutas... tão peculiares aos *velhos senis*. A criança nos insere no novo, na fantasia, que muitas vezes é vista como uma atividade ameaçadora e inferior da alma humana, segundo a tradição racionalista ocidental. (MONTEIRO, 2008b, p.63, grifo da autora).

Algumas pessoas em processo de envelhecimento vão se identificar com o *senex* negativo, que segundo Hillman (2008) é afastado de seu lado puer. Essas pessoas perderam sua criança e sua força para o novo, e esperam a velhice e a aposentadoria chegar sem nenhuma perspectiva para o futuro.

O *senex*, como todo arquétipo dominante, já se faz presente na criança quando esta diz “eu sei”, “é meu”. Apesar de já estar presente desde a infância, o *senex* aparece com mais evidência quando um complexo começa a coagular, uma atitude ou função psicológica que envelhece e não muda. O *senex* pode inibir qualquer atitude nossa, “[...] ele está por trás da ligeireza de nossos hábitos e da habilidade que temos em fazer de um vício uma virtude meramente por mantê-lo em ordem ou atribuindo-o ao destino.” (HILLMAN, 2008, p.34).

O puer fornece a conexão direta com o espírito, ele dá a condição para seguir o chamado do Self. Quebrando a conexão começamos a nos distanciar do puer em direção ao *senex*, ou podemos ficar presos ao puer. Em qualquer uma das situações estamos assumindo o aspecto negativo das polaridades. O puer negativo representa “O Eterno Vir-a-Ser nunca realizado no Ser; somente possibilidades e promessas. Ou, o puer negativo pode se tornar hiperativo, e aí encontramos todos os traços acentuados e materializados, mas sem sentido inerente.” (HILLMAN, 2008, p.44).

Seguindo as idéias do autor, o puer positivo está presente no “por quê” da criança, que nos leva à busca, ao questionamento, à procura. É aquele “[...] que pega o ego por trás

e o impulsiona para frente.” (HILLMAN, 2008, p.44), por isso a importância do reconhecimento e valorização do puer, porque ele carrega o futuro que o Self nos reserva.

Portanto, é de importância imensa que tentemos a cura da divisão arquetípica que separa puer de senex, transformando-os na antítese negativa, levando o indivíduo a uma posição endurecida contra seu próprio *puer aeternus*, assim demonizando seu anjo, de forma que o novo que surge através do puer é demoníaco. Quando o arquétipo está cindido, o dínamo trabalha independentemente dos padrões de ordem. Então temos um padrão demasiado conhecido: a ação sem conhecimento e o conhecimento sem ação, o fanático versus o cínico, comumente formulados como o jovem e o velho. (HILLMAN, 2008, p.45).

Para Monteiro (2008b) vemos o envelhecimento como castigo, pois fica-se preso ao passado apenas computando o que se viveu, o que se perdeu e o que deixou de viver.

Essas pessoas acreditam que a única fase válida em suas vidas foi a juventude, e é comum ouvir destas pessoas, velhos senis cristalizados em suas certezas, frases como: “naquele tempo é que as coisas eram boas” ou “no meu tempo os jovens tinham respeito pelos mais velhos”.

A criança está sempre se renovando, começando de novo, pois tem memória curta. Comete erros e começa novamente, tudo tem sabor de primeira vez. O puer é que vai nos mostrar essa capacidade de deixarmos as coisas para trás e irmos em direção ao novo. (MONTEIRO, 2008b, p.77). Nós escolhemos como envelhecer, seguindo o modelo cheio de proibições do velho senil, ou o modo criativo e evolutivo do velho sábio.

5 O RETRATO DE DORIAN GRAY

Oscar Wilde nasceu na Irlanda, em 16 de outubro de 1854 e faleceu em Paris, em 30 de novembro de 1900.

Casou-se e teve dois filhos. No auge de sua carreira apaixonou-se por um homem, romance que lhe causou o fim do casamento e tornou pública sua condição homossexual. Denunciado pelo pai de seu amante, foi preso e humilhado perante a sociedade.

Após dois anos na prisão, mudou-se para Paris, e as más condições do cárcere lhe causaram uma série de doenças. Morreu arruinado financeiramente e sem a tutela de seus dois filhos.

Escreveu contos, foi dramaturgo e poeta. Em 1891 publicou seu único romance *O retrato de Dorian Gray*, cujo resumo apresento neste capítulo.

O romance inicia-se com lorde Henry Wotton conversando com seu amigo, o pintor Basil Hallward. Eles comentam sobre a beleza do jovem retratado em um quadro pintado por Basil. Esse jovem a quem se referem é Dorian Gray.

Lorde Henry conhece Dorian na casa de Basil e encanta-se pelo jovem, os dois tornam-se amigos. Henry diz-lhe que a beleza é passageira, pois o tempo irá apagá-la e no seu lugar surgirão as rugas, e que só restam alguns anos para que ele viva plenamente. Quando a mocidade passar a beleza irá embora com ela. “O senhor perderá a cor. O olhar será tristonho. As faces, encovadas. Portanto, dê valor à sua mocidade, enquanto a tem.” (WILDE, 2006, p.25).

O diálogo acima deixa Dorian Gray preocupado,

Dirigiu-se para onde estava o quadro. Ficou admirando-o com uma luz diferente nos olhos. A noção da beleza dominava-o agora. Como nunca. E pensou em tudo o que ouvira de lorde Henry no jardim. Na breve duração da beleza, da mocidade. Cedo, ele estaria diferente, deformado, hediondo, grotesco. Uma dor lancinante trespassou-o como uma punhalada. Seus olhos se encheram de lágrimas.

[...]

- Que tristeza! – falou Dorian. – Eu ficarei velho, feio, horrível. Mas este retrato se conservará eternamente jovem. Se fosse o contrário! Por esse milagre eu daria tudo, até a alma! (WILDE, 2006, p.27).

Dorian começa a acreditar que se perder a beleza, perderá até mesmo a amizade do pintor e diz que quando perceber que está envelhecendo se suicidará. O pintor tenta convencê-lo a não dar ouvidos à lorde Henry.

- Tenho inveja das coisas cuja beleza não morre. Tenho ciúmes do retrato que você fez de mim. Se o retrato mudasse e eu fosse sempre o que sou agora! Enterrou o rosto nas almofadas, como se estivesse rezando. (WILDE, 2006, p.28).

Basil revolta-se com o estado do jovem e tenta destruir o quadro, mas Dorian o impede dizendo que tal ato seria um crime, pois o retrato é parte dele e lhe pertence.

Dorian e lorde Henry tornam-se grandes amigos, uma amizade na qual fica claro o domínio de Henry sobre Gray, o que causa tristeza em Basil, que é fascinado pelo jovem.

Dorian Gray é filho de *lady* Margareth Devereux, moça de extraordinária beleza, que fugiu com um João-ninguém, pois seu pai, lorde Kelso, não aceitava esse relacionamento. O pai de Dorian é morto em um duelo armado pelo avô, pouco tempo depois sua mãe também morre. Dorian herdou fortuna e propriedade por parte da mãe. Quando o personagem chega à adolescência seu avô já havia falecido.

Gray se apaixona e fica noivo de uma atriz chamada Sibyl Vane, ela é muito pobre e vive com a mãe viúva e com um irmão. A atriz apresenta-se em um teatro de terceira classe onde participa da peça *Romeu e Julieta*. A família de Sibyl não sabe o nome de seu noivo, pois ela sempre o chama de *Príncipe Encantador*.

Dorian vai assistir a apresentação de sua noiva e naquela noite Sibyl entra no palco muito apática, sua representação não tinha vida ou expressão, parecia uma pessoa de pouca inteligência.

Ao final da apresentação, friamente, Dorian diz à noiva que ela matou seu amor, que não desperta mais nada nele. Diz-lhe que a amou porque era maravilhosa, tinha talento, inteligência, mas que se tornou superficial e tola, sem a arte ela deixou de existir para ele. Sibyl implora seu perdão, mas ele vai embora. Horas depois a moça é encontrada morta.

Naquela mesma noite, quando Gray vai dormir ele nota uma diferença no quadro, a fisionomia tinha mudado. É como se existisse uma crueldade nos lábios do retrato. Olha-se no espelho e não nota nenhuma mudança em seu rosto, lembra-se do desejo que fez na casa de Basil, o sorriso cruel no quadro o incomodava então resolve voltar a procurar a noiva, talvez o sorriso sumisse do quadro. Esconde o retrato atrás de um biombo.

Quando Dorian fica sabendo da morte de Sibyl, ele questiona porque não sente a tragédia. Lorde Henry lhe conforta dizendo que não houve nada demais, apenas alguém que morreu por amor a ele. Dorian lhe diz que foi horrível com ela, mas o amigo diz que as mulheres apreciam a crueldade. Os jornais anunciam que a moça pode ter sido assassinada

com veneno, que foi deixado em um copo que ela bebeu por engano. Dorian afirma que foi suicídio. Como a moça só o chamava de Príncipe Encantador nunca se chegou ao verdadeiro nome de seu noivo e dessa maneira nunca suspeitaram de Dorian Gray.

Iria o retrato alterar-se toda vez que ele cedesse a uma tentação? [...] Se o retrato tinha que mudar, mudasse! Que adiantava querer sondar o mistério? [...] Que importava o que acontecia à imagem pintada na tela? Ele estaria intato. E isso era tudo.” (WILDE, 2006, p.66-67).

Dorian cobre o quadro atrás do biombo e em seguida vai à opera. Basil fica horrorizado com a frieza de Dorian em relação à morte de Sibyl.

Gray resolve guardar o quadro em uma antiga sala de estudo que há muito tempo não é usada. O retrato foi escondido nessa sala onde estão as lembranças de sua infância e sua adolescência sem mácula. Ele o cobre com uma grande colcha de cetim vermelho, bordada a ouro. A chave fica em seu poder e ninguém mais entraria na sala.

Os anos passam-se e Dorian continua jovem e bonito, sem medo de olhar-se no espelho. As pessoas ouviam as piores coisas sobre ele, mas não davam crédito a tais fofocas, pois sua aparência conservava o ar de adolescente puro.

Às vezes, ele entrava no antigo quarto de estudos e sentava-se diante do quadro com um espelho na mão e comparava a fisionomia depravada e envelhecida da tela ao rosto jovem e atraente que aparecia no espelho.

Sorria de prazer. Estava cada vez mais enamorado de sua própria beleza. E cada vez mais empenhado em corromper a própria alma. Perguntava-se quais seriam mais horrendos: se os sinais do vício ou os da idade. Zombava das mãos manchadas e ásperas do retrato. Ria do corpo deformado, das pernas enfraquecidas. (WILDE, 2006, p.82).

Frequentava os piores lugares, mas também dava jantares íntimos, belas recepções com impecável bom gosto e concertos extravagantes em sua mansão. As pessoas imitavam seu modo de vestir-se, pois era extremamente elegante. Interessava-se por pedras preciosas, bordados e ritos religiosos, mas “Todos esses tesouros não passaram de meios de esquecer e fugir ao terror que, às vezes, era intolerável. O terror que lhe inspirava o retrato da degradação de sua vida.” (WILDE, 2006, p.84).

Dorian Gray estava com 25 anos e não mais conseguia ficar longe do retrato, temia que na sua ausência alguém entrasse no quarto. Nessa época começam a circular, em Londres, escândalos sobre ele, que teria se envolvido com ladrões e moedeiros falsos. Seus amigos o evitavam e as mulheres, que antes lhe adoravam, agora empalideciam de horror

quando o viam, mas mesmo assim ele ainda exercia grande fascínio entre a maioria das pessoas. Sua beleza e seu dinheiro eram a garantia para que não acreditassem naquilo que diziam dele.

Na véspera de seu aniversário de 38 anos, Dorian Gray está voltando para casa quando encontra Basil Hallward, que tinha ido fazer-lhe uma visita para despedir-se antes de ir para Paris. Entram na casa de Dorian e o pintor aproveitou para lhe dizer sobre os boatos horríveis que dizem dele. Basil diz ser difícil acreditar nesses boatos, pois não transparece em seu rosto as marcas dos vícios e pecados que dizem que ele pratica, seu rosto é sempre bonito, jovem, inocente, luminoso e puro.

Dorian irrita-se afirmando que são fofocas, o pintor insiste dizendo que famílias com prestígio não mais o convidam, que todos que se envolvem com ele têm um fim trágico, inicia rapazes no vício, joga o nome de mulheres na lama. Irritado, Gray convida o pintor a entrar no quarto de estudo, diz que vai lhe mostrar sua alma. “Suba comigo, Basil. Tenho lá em cima um diário da minha vida. Nunca sai de lá. E, dia a dia, tudo é anotado. Venha.” (WILDE, 2006, p.93).

Quando chegam ao quarto Dorian tira o pano que cobre o quadro e joga-o no chão.

Uma exclamação de horror escapou dos lábios do artista. Pintado na tela via-se um rosto hediondo. Aquilo que a pouca luz conseguia iluminar encheu-o de aversão e repugnância. Senhor! Era o rosto de Dorian Gray! Havia, sim, longe, alguma coisa de sua maravilhosa formosura. Cabelos dourados, mas já se tornando raros. Um pouco de vermelho nos lábios sensuais. Os olhos azuis. Sim, era Dorian. Mas quem seria o autor do quadro? As pinceladas pareciam suas. A moldura era a que ele desenhara. Basil levantou a vela diante do retrato. No canto esquerdo, em letras grandes, traçadas a vermelhão, o seu nome: BASIL HALLWARD. (WILDE, 2006, p.95).

Basil pede explicações sobre o que está acontecendo e Gray lhe responde:

– Há anos, quando eu era ainda um adolescente, você me conheceu, me elogiou muito. Ensinou-me a envaidecer-me da minha beleza. Um dia, apresentou-me a um seu amigo, que me explicou as maravilhas de ser jovem. Você terminou o retrato, e ele me revelou a maravilha de ser belo. Em um momento de loucura, de que ainda hoje não sei se me arrependo ou não, formulei um desejo insensato. Talvez uma súplica, quem sabe? (WILDE, 2006, p.96).

O artista não se conforma, afirma que não pintou aquele rosto infame, perverso com olhos de demônio, e Dorian lhe responde que todos temos dentro de nós o céu e o inferno. O pintor fica desesperado, pede para que Dorian reze e peça perdão. Gray olha o retrato e sente um ódio imenso pelo pintor. Dominado por um impulso, esfaqueia-o na nuca e

depois o golpeia várias vezes na cabeça dele até o sangue correr pelo assoalho. Calmamente Dorian monta um álibi e vai dormir.

Chantageia um cientista especialista em química (Alan Campbell) e pede que dissolva com ácido o corpo do homem morto. Quando Dorian sobe para o quarto ele percebe que esquecera de cobrir o retrato, e vê que a tela suava sangue. Dias depois o cientista suicida-se. A polícia nunca descobriu que Basil morreu, apenas notou seu desaparecimento.

Gray recorre ao ópio na tentativa de esquecer seus pecados. Começa a achar que está sendo seguido pelo irmão de Sibyl, acha que os fantasmas de seus erros o perseguem. Diz a lorde Henry que mudará de vida e se tornará bom.

Seria verdade que o homem não pode mudar? Dorian tinha saudade da pureza de sua adolescência! Sabia que manchara a alma. Enchera a mente de torpeza e alimentara sua imaginação com horrores. Havia influenciado muito para o mal. E alegrara-se, sempre, em ter feito isso. [...] Arrependia-se, agora, de ter feito, num momento de orgulho e vaidade, aquele maldito trato. Que sobre o seu retrato recaísse o peso dos seus dias. E a ele, ao seu belo físico, fosse reservado o esplendor da eterna juventude! Seu corpo nunca fora castigado pela vida. Suas faltas estavam todas sem punição. Ah, como lamentava! Por isso, não melhorara: a purificação está no castigo. (WILDE, 2006, p.134-135).

“Amaldiçoou, então, a sua beleza que o espelho teimava em refletir. Jogou o espelho no chão e o reduziu a cacos com o pé.” (WILDE, 2006, p.135).

Questiona se deve se entregar à polícia pelas mortes, mas não faria isso pois ninguém acreditaria em sua história e o internariam em um hospício. “Uma única prova acusadora existia: o retrato. Ele o destruiria. Confessar, nunca! E por que guardara o retrato tanto tempo? Agora não o divertia mais. Antes tinha prazer em vê-lo mudar. Envelhecer. Agora, causava-lhe insônia.” (WILDE, 2006, p.137).

Pega a faca com que matou o pintor e com a mesma faca mataria o quadro, dessa maneira estaria livre e finalmente viveria em paz. Quando esfaqueia o quadro ouve-se um grito pavoroso que ecoa por toda a casa. Os empregados correm para o quarto de onde veio o grito de agonia.

Ao entrarem na sala, viram na parede o magnífico retrato do amo – como havia sido: no esplendor de sua esplêndida mocidade e beleza. No chão, estava o que restava de um homem. Vestido em traje de rigor, com uma faca cravada no peito. Ele estava lívido. Enrugado. Repugnante. Só pelos anéis os criados conseguiram identificá-lo. (WILDE, 2006, p.138).

6 ANÁLISE DO PERSONAGEM

Eu não sou o que me aconteceu; eu sou o que escolhi tornar-me.
James Hollis

O romance *O retrato de Dorian Gray* foi publicado em 1891 e já mostra o preconceito e o medo do envelhecimento. O personagem principal, Dorian Gray, recusa-se a envelhecer, permanecendo com a aparência jovem enquanto o seu retrato envelhece.

Dorian Gray é um adolescente muito bonito. “Era, na verdade, belo. Lábios finos, vermelhos, olhos azuis de expressão franca, sobretudo a expressão. Tamanha pureza, tanta mocidade! Via-se bem que o mundo ainda não o atingira com a sua torpeza.” (WILDE, 2006, p.21). E, para ele o fim da juventude significa perder sua beleza.

Durante a vida tendemos a ser aquilo que os outros querem que sejamos, e com isso podemos perder de vista o que realmente somos. Dorian ainda é um adolescente, portanto voltado completamente para o mundo exterior. A persona é muito importante para essa fase da vida.

Influenciado pelos outros personagens, principalmente lorde Henry, Dorian vai se agarrando cada vez mais a este rosto bonito, pois é através de sua beleza que o mundo exterior vai abrir-lhe as portas.

Hollis (1995) discute que na primeira idade adulta há um eixo orientador que marca o empenho do ego de se projetar no mundo. A orientação da pessoa está quase totalmente voltada para o exterior.

O jovem geralmente acha que pode contar incondicionalmente com o corpo. Este sempre estará presente para nos proteger e podemos recorrer profundamente a ele quando necessário, e ele sempre reabastecerá a si mesmo. Mas chega o dia em que percebemos, mais uma vez, que uma inevitável transformação está ocorrendo independentemente da nossa vontade. O corpo se torna um inimigo, um antagonista relutante no drama heróico no qual nos lançamos. As esperanças do coração persistem, mas o corpo não mais responderá como antigamente. (HOLLIS, 1995, p.44-45).

A criança que tem como modelos de pais “[...] a cautela, o medo, o preconceito, a co-dependência, o narcisismo e a impotência” (HOLLIS, 1995, p.97) entra na primeira idade adulta contaminada por esses sentimentos. Por isso a importância de diferenciar, para

a segunda metade da vida, o nosso próprio conhecimento das mensagens que nossos pais nos passaram.

O pai de Dorian morreu antes dele nascer, sua mãe morreu logo após seu nascimento e ele foi criado por seu avô, que nunca lhe deu muita atenção. Quando ele entra na adolescência seu avô já faleceu e é lord Henry quem acaba sendo sua referência paterna. Este tem uma posição bastante preconceituosa e de desprezo em relação aos velhos, fato que influenciará Dorian por toda sua vida.

No princípio de um outro estágio de desenvolvimento do ego (transição da adolescência), o jovem, saindo do útero psíquico do meio ambiente inicial, depara com uma confusão de problemas e de valores conflitantes. Ele faz sua escolha entre aqueles ideais, convicções, atitudes, idéias-guia e sonhos, e parece transformar-se neles, na medida em que a atenção é focalizada nas conquistas, na utilidade e na abertura de seu caminho no mundo. O consciente parece identificar-se com esse ego que a pessoa está construindo para os próximos trinta e cinco a quarenta anos. A pessoa é designada basicamente pelo mundo exterior durante a fase da adaptação. (BRENNAN; BREWI, 1991, p.66-67).

Jung (2006) relata que o homem é esmagado em sua individualidade à medida que os fatores coletivos da sociedade em que vive tiverem como base preconceitos conservadores. Desta maneira, o indivíduo será apenas o que a sociedade quer, e sua individualidade será reprimida.

Isso pode ser observado em Dorian Gray quando, ainda adolescente, ele é convencido a permanecer sempre jovem. No desespero de um dia não ser aceito socialmente ele deseja que o retrato envelheça em seu lugar, mas não imagina o quanto perigoso pode ser seu pedido, pois o que negamos na consciência vai para o inconsciente “[...] onde, geralmente, se transformam em algo de essencialmente pernicioso, destrutivo e anárquico.” (JUNG, 2006, §240, p.27).

Ele fica totalmente identificado com a persona, e como resultado há uma inflação exaltada desta, pois o personagem se coloca num patamar superior aos outros. Por ser jovem e bonito todos se sentem “enfeitiçados” por ele, imitam seu jeito de se vestir, as mulheres se apaixonam perdidamente por ele, todos o invejam. Isso faz com que Dorian se sinta poderoso. “Dorian era perfeito! Belo de corpo e de alma. Nascera para ser adorado, não importava como acabaria.” (WILDE, 2006, p.38).

Com o passar dos anos novas personas vão sendo adquiridas, mas no caso do romance vemos que o personagem principal fica preso à persona de adolescente, recusando assim seu amadurecimento. “À medida que se cresce, aprende-se mais. Se ficássemos

parados nos vinte e dois anos, ficaríamos sempre ignorantes como quando tínhamos vinte e dois. Envelhecer não é só decair fisicamente. É crescer.” (ALBOM, 1998, p.117).

Se o que está na sombra é sempre projetado, podemos ver o retrato de Dorian como a projeção de sua sombra. Portanto, o que ele não aceita em sua personalidade, para não “manchar” a sua persona, é projetado no quadro.

Iria o retrato alterar-se toda vez que ele cedesse a uma tentação? Chegaria a ser um objeto monstruoso, repelente, de se esconder em quarto fechado e longe da luz do sol, que tantas vezes lhe dourara a maravilha dos cabelos ondulados? Que pena!”
[...]
Que importava o que acontecia à imagem pintada na tela? Ele estaria intato. E isso era tudo. (WILDE, 2006, p.66-67).

Dorian está tão preso à sua persona que não consegue ouvir seu chamado interior, pois para isso teria primeiramente que aceitar sua sombra, seu envelhecimento, que é um processo natural de crescimento. O personagem se recusa a passar por este processo, projetando-o no quadro.

A chance para que Dorian mudasse seria reconhecer o retrato como parte de seu mundo interior. Assim, ela deixaria de projetar seu envelhecimento, reconhecendo aqueles conteúdos como seus.

Na sombra estão características que negamos socialmente e classificamos de maneira negativa: raiva, inveja, agressão. Em Dorian tudo isso foi transferido para o retrato e por esse motivo, quando Dorian olha para o quadro vê algo monstruoso, pois não consegue reconhecer estes sentimentos. “Quando reconhecida e canalizada, a raiva pode ser um enorme estímulo para a mudança.” (HOLLIS, 1995, p.60).

Apesar de Dorian reconhecer o quadro como um retrato seu, no decorrer do romance a pintura é tratada como se tivesse uma personalidade própria. Podemos comparar essa “personalidade própria” a um complexo.

O inconsciente, por sua vez, é estruturado como grupos materiais em torno de imagos, internalizações e experiências traumáticas para formar as subpersonalidades, os complexos. Os complexos são autônomos e revelam uma consciência própria. Também aglutinam uma certa quantidade de energia psíquica e possuem vontade própria. (STEIN, 2005, p.98).

Como os complexos estão na sombra podemos dizer que o personagem principal em várias passagens do romance é tomado pela sombra. Como exemplo podemos citar a passagem na qual ele mata o pintor.

Dorian Gray olhou o quadro.

Naquele instante, um ódio irreprimível a Basil Hallward o dominou. Uma raiva desesperada fê-lo detestar o homem sentado à mesa. Parecia que a imagem da tela o estimulava. Em cima da velha arca viu uma faca. Ele mesmo a trouxera para cortar uma corda. E a esquecer ali.

Apanhou a faca. Colocou-se bem atrás do pintor. Antes que Basil se movesse, enterrou-lhe a arma na nuca. Deitou-lhe a cabeça na mesa e continuou a feri-la.

[...]

Pouco a pouco, os fatos começaram a voltar à sua memória.

Matara Basil Hallward. Ficara alucinado naquele terrível momento. O Cadáver ainda devia estar lá onde ele o deixara. Que horror! (WILDE, 2006, p.98-101).

Hollis (1995) afirma que não somos nós que temos os complexos, mas sim eles que nos possuem; alguns complexos são úteis, mas outros podem dominar de maneira negativa a vida de uma pessoa. Pode-se dizer que o personagem foi possuído pela sombra e tudo que foi negado se manifestou de modo impulsivo, fazendo-o cometer o crime.

Quando somos realmente honestos com nós mesmos, sabemos que o orgulho, a avareza, a gula, a luxúria, a inveja, o ódio e a preguiça podem vir à tona e tomar conta de nós. Se somos honestos, sabemos que os mandamentos indicam o potencial que ainda temos. Os ‘não deve’ existem porque o oposto é uma possibilidade real para mim. Qualquer um de nós poderia verdadeiramente roubar o cômigo do outro ou matar alguém. (STEIN, 2005, p.100).

Dorian lesou várias pessoas, jogou nomes na lama, desgraçou com a vida de mulheres, mas tudo isso é disfarçado pela sua persona. Seus crimes e o pouco valor que ele dá aos outros seres humanos são projetados no quadro. Todas as torpezas e atitudes inconsequentes, seu “lado mau”, é fixado no retrato, fazendo com que sua aparência seja sempre angelical. Torna-se claro um rompimento entre persona e sombra.

Sobre a força dos conteúdos da sombra, Jung (2006) observa:

Quanto mais limitado for o campo consciente de um indivíduo, tanto maior será o número de conteúdos psíquicos (‘imagens’) que se manifestam exteriormente, quer como espíritos, quer como poderes mágicos projetados sobre vivos (magos, bruxas). [...] Ele [o complexo] fica, de certo modo, entre o consciente e o inconsciente, numa zona crepuscular: por um lado, pertence ao sujeito da consciência, mas por outro lhe é estranho, mantendo uma existência autônoma que o opõe ao consciente. De qualquer forma, não obedece necessariamente à intenção subjetiva, mas é superior a esta, podendo constituir um manancial de inspiração, de advertência ou de informação ‘sobrenatural’. (JUNG, 2006, §295, p.62-63).

O quadro é guardado em seu quarto de infância e fica lá escondido de todos, uma vez que o fato de mostrá-lo traz pavor ao personagem. Encarar a sombra é apavorante, mas para que o caminho reservado para a nossa jornada continue a ser trilhado é necessário o

confronto com ela. Dorian não se permite isso, portanto esconde o quadro longe dos olhos de todos.

Dorian abriu a porta da peça onde ia encerrar o estranho segredo de sua vida, onde ia ocultar a sua alma aos olhos dos homens. Há muito tempo a sala não era aberta. Tinha sido sala de recreio e mais tarde sala de estudo. Lorde Kelso, seu avô, mandara mobiliá-la especialmente para o neto pouco amado. Assim, poderia mantê-lo o quanto possível longe de si. Por isso, tudo estava como no seu tempo de menino. Seus compêndios escolares, a estante de madeira, os painéis. Tudo aquilo lhe trazia à memória sua infância e sua adolescência sem mácula. Parecia-lhe agora um sacrilégio alojar ali o retrato fatal. Mas não havia na casa outra peça onde pudesse ficar tão resguardado. A chave ficaria com ele. Ninguém ultrapassaria aquela porta. (WILDE, 2006, p.77-78).

Para ocultar o quadro Dorian o cobre com “[...] uma grande colcha de cetim vermelho, bordada a ouro.” (WILDE, 2006, p. 76). Mesmo querendo esconder o quadro, Dorian usa uma colcha muito preciosa, de onde podemos inferir que tudo aquilo que está em nossa sombra pertence a nós mesmos, sendo-nos, portanto, precioso.

Por mais que se recuse a olhar, a presença do que está na sombra continua a incomodar, por isso é necessário pegar a chave, abrir a porta, tomar consciência de que esse é de fato nosso retrato e aceitá-lo. Não podemos simplesmente trancá-lo em um quarto.

Desde o início, o romance mostra a importância que se dá à aparência e o desprezo que se sente pelos velhos. Logo que o quadro é concluído, lorde Henry, encantado pela beleza do jovem retratado, diz ao pintor: “Um retrato como este, na Inglaterra, o elevará acima dos artistas jovens daqui e fará os velhos morrerem de inveja... Se é que os velhos ainda são capazes de emoção.” (WILDE, 2006, p.12).

Podemos notar no diálogo acima e no seguinte o quanto os personagens retratam uma atitude puer negativa, pois se verifica uma negação do velho e uma valorização do jovem, colocando o último como único capaz de sentir emoção e de produzir algo tão bonito quanto o quadro.

Porque o senhor é um prodígio de mocidade. Pode não dar importância à aparência agora. Mas um dia, quando estiver velho, enrugado e feio [...] saberá o valor de tudo isso que tem hoje. O senhor é belo. Para mim, a beleza é a maravilha das maravilhas. Só os espíritos fúteis não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, e não o invisível. [...] Quando a mocidade passar, a beleza ir-se-á com ela. Então o senhor descobrirá que já não o aguardam tantos triunfos. Só lhe restam pequenas vitórias. Ou recordações. Passadas e amargas. O senhor perderá a cor. O olhar será tristonho. As faces, encovadas. Portanto, dê valor a sua mocidade, enquanto a tem. [...] As flores do

campo murcham, mas logo mais estão de novo viçosas... Nós não temos outra chance. E nada há no mundo senão a mocidade! (WILDE, 2006, p.25-26).

Como Dorian tem o arquétipo puer-senex cindido, torna-se difícil o desprendimento da persona. Ele vive a unilateralidade do arquétipo, portanto fixa-se em um dos pólos. Em sua consciência encontramos apenas o puer, por este motivo, o envelhecer é muito dolorido, pois o senex que está na sombra é projetado de modo negativo.

Quando o arquétipo é polarizado ele é vivido de maneira negativa, portanto Dorian Gray torna-se o puer aeternus, não se responsabilizando por seus atos. Ele projeta o que seria de sua responsabilidade sobre os amigos, Basil ou lorde Henry, ou no próprio retrato, culpando-os por suas atitudes. Crescer requer que assumamos as consequências de nossas atitudes e deixemos de culpar os outros pelos nossos infortúnios, tomando nas mãos as rédeas de nossas vidas.

Tanto o puer como o senex resistem ao desenvolvimento, pois desenvolver-se requer perdas, devoluções, quedas e restrições de possibilidades. O que é governado só pelo puer não envelhece, não amadurece. Tem uma pose, mas não tem uma persona de adaptação. Portanto, tanto o puer como o senex têm dificuldade de se desprenderem daquilo que não faz mais sentido em sua existência. (HILLMAN, 2008).

O puer negativo fica preso ao estágio em que se encontra, enquanto que o puer no seu aspecto positivo, quando aliado ao senex, almeja o que é novo, mas de modo seguro. Dessa forma, a pessoa tem a possibilidade de deixar morrer seu antigo eu para que a transformação aconteça. Em Dorian só é constelado o puer negativo, por isso ele não consegue se desprender de sua persona jovem e abomina o velho.

O pólo positivo, que traz a mudança, é negado pelos personagens. Podemos perceber isso no diálogo abaixo entre Dorian Gray e lorde Henry:

- Suponhamos, porém, que eu fique feio, enrugado e velho. Que será então, Harry?

- Bem então – disse lorde Henry, levantando-se -, então, você terá de conquistar as suas vitórias. Por ora, elas o procuram espontaneamente. (WILDE, 2006, p.65-66).

Como ele se recusa a envelhecer, permanecendo preso à sua persona de um belo jovem, não precisará ter a responsabilidade de conquistar suas vitórias, pois o mundo conquistará por ele.

Durante a história, Dorian pensa em mudar seu comportamento, mas logo desiste, pois não encontra outro caminho.

Seria verdade que o homem não pode mudar? Dorian tinha saudade da pureza de sua adolescência! Sabia que manchara a alma. Enchera a mente de torpeza e alimentara sua imaginação com horrores. Havia influenciado muito para o mal. E alegrara-se, sempre, em ter feito isso. Arrastara muitas vidas à vergonha. Seria tudo isso irreparável? Não haveria um modo de voltar atrás em tudo o que fizera? Arrependia-se, agora, de ter feito, num momento de orgulho e vaidade, aquele maldito trato. Que sobre o seu retrato recaísse o peso dos seus dias. E a ele, ao seu belo físico, fosse reservado o esplendor da eterna juventude! Seu corpo nunca fora castigado pela vida. Suas faltas estavam todas sem punição. Ah, como lamentava! (WILDE, 2006, p.134-135).

Para a mudança, seria necessário que o arquétipo puer-senex se constelasse positivamente em Dorian. O puer positivo carrega a espontaneidade, curiosidade, liberdade, mudança, pressa e fantasia, enquanto o senex positivo traz a compreensão, a sabedoria, a paciência. Quando o arquétipo puer-senex não está cindido, podemos acessar sua face positiva, e dessa maneira temos energia suficiente para enfrentar as mudanças que o processo de individuação exige.

Pelo fato de negar seu envelhecimento, Dorian não consegue ativar o lado positivo do puer, que lhe traria energia para realizar novos projetos na passagem para a meia-idade.

Sentava-se diante do retrato pintado por Basil Hallward, com um espelho na mão. O olhar ia da fisionomia depravada e envelhecida da tela ao rosto jovem e atraente que lhe sorria no espelho. Sorria do prazer. [...] Perguntava-se quais seriam mais horrendos: se os sinais do vício ou os da idade. Zombava das mãos manchadas e ásperas do retrato. Ria do corpo deformado, das pernas enfraquecidas. (WILDE, 2006, p.82).

Segundo Hillman (2008), se apenas uma das polaridades do arquétipo puer-senex é ativada, um dos pólos permanece na consciência, enquanto o outro é reprimido para o inconsciente e portanto projetado no mundo exterior. Isto acontece com Dorian, pois ele tem apenas o puer ativado na consciência, rejeitando o velho que está no seu inconsciente e projetado no quadro.

Segundo Brennan e Brewi (1991) quando retiramos as projeções da sombra e as aceitamos como pertencentes a nós, ela enfraquece, e isso possibilita transformações, nos trazendo energia para amarmos a nós mesmo. Se Dorian tivesse se permitido retirar as projeções do quadro, recuperando sua alma e aceitando sua transformação, ele teria a chance de mudar e amar a si próprio.

Dorian não consegue constelar o arquétipo puer-senex, o que seria a base de um envelhecimento saudável. Hillman (2008) relata que o puer dá condição para seguir o chamado do Self. O puer carrega o futuro que o Self nos reserva.

Influenciado pelas palavras de lorde Henry sobre a breve duração da beleza, da mocidade e a afirmação de que logo estaria grotesco, hediondo e deformado, Gray precisa de uma máscara para se apresentar aos outros. Sua preocupação é preservar essa máscara da juventude, esquecendo assim, do seu mundo interior. Seu desejo é que o quadro envelheça em seu lugar. “- Que tristeza! – falou Dorian. – Eu ficarei velho, feio, horrível. Mas este retrato se conservará eternamente jovem. Se fosse o contrário! Por esse milagre eu daria tudo, até a alma!” (WILDE, 2006, p.27).

“Denomino persona a atitude externa, o caráter externo; e a atitude interna denomino *anima, alma*.” (JUNG, 2008, §758 .391, grifo do autor). Se Jung chama a alma de anima então podemos pensar que nesse momento Gray entrega sua anima em troca da juventude eterna.

A principal função da anima é a comunicação entre o ego e o Self. Quando está projetada no outro, ela não se volta para a função de olhar o inconsciente, por isso a importância de recolhermos essas projeções no processo de individuação. Ele chega a projetar sua anima em sua noiva Sibyl, mas logo a retira, pois sua alma está comprometida com a troca feita pela juventude eterna, e assim sua anima perde a função de transcendência, o que prejudica o seu processo de individuação.

As mudanças físicas e psíquicas que acontecem durante o envelhecimento podem ser vistas como o final de um ciclo e início de outro, isto faz parte do nosso processo de individuação. Dorian Gray, ao se recusar a fazer essa passagem, tem seu processo de individuação prejudicado, mas não interrompido, pois ele acontecerá de qualquer maneira.

Dorian fica preso ao complexo, não se permitindo ouvir o chamado do Self. Essa cisão entre persona e anima permite que o inconsciente invada de maneira avassaladora sua consciência, levando-o a esfaquear o retrato e dessa maneira morrendo. Simbolicamente podemos ver a sua morte como a morte psíquica, que o leva ao suicídio, pois esfaqueando o quadro ele está esfaqueando a si próprio. Pode-se considerar também uma morte em vida, onde não se espera mais o futuro, espera-se apenas a chegada da morte física.

7 DISCUSSÃO

Na introdução do Livro *O retrato de Dorian Gray*, Clarice Lispector relata: “O livro é ficção. Mas as pessoas e muitos dos conceitos que o povoam são realidade. Daquele tempo. De hoje. Porque há verdade neles. E a verdade é de sempre.” (WILDE, 2006, p.8).

A sociedade, atualmente, assim como os personagens do romance, está identificada com o puer negativo. Os jovens projetam sua sombra nos idosos, vendo a velhice como uma fase tediosa e negativa, projeção aceita por grande parte dos velhos.

Para que esse preconceito acabe é necessário que reconheçamos essa projeção como pertencente a nós. Só assim pode-se perceber que envelhecer é um processo natural que pode ter um lado positivo.

Na entrada da meia-idade é importante entrarmos em contato com nossa sombra, ouvir o chamado da nossa criança interna, para dessa maneira podermos encarar nossa velhice como fazendo parte do nosso desenvolvimento e vendo um sentido para continuar a vida.

Hollis (1995) afirma que existem duas categorias de idosos: aqueles nos quais a vida ainda está repleta de desafios e aqueles cuja vida está cheia de amargura, arrependimento e medo. Os primeiros são os que passaram pela morte da primeira idade adulta e aceitaram a responsabilidade por suas vidas; os que não aceitaram a primeira morte serão perseguidos pela segunda morte e o medo de que suas vidas não tenham sido significativas.

É natural que o processo de envelhecimento traga ansiedade, pois há um convite do Self para que deixe morrer seu modo antigo de ser, para que renasça o novo. Nesse momento a responsabilidade é exigida e não se pode mais fugir dela. Nesta fase perguntas começam a surgir “Quem sou, então, e para onde estou indo?” “Quem sou eu, além da minha história e dos papéis que representei?” (HOLLIS, 1995, p.25).

A crise da meia-idade nos traz a oportunidade de entrarmos em contato com o si-mesmo e tornarmos-nos o verdadeiro indivíduo que somos. No medo de envelhecer está embutido o medo do crescimento, da transformação, da morte simbólica, mas sem esses enfrentamentos não renascemos para uma nova vida.

A maneira pela qual as pessoas idosas vêm enfrentando esses medos e como superá-los pode ser detectada em uma entrevista concedida por Jung ao programa de

televisão da BBC “Face to Face”, quando solicitado a dar um conselho às pessoas em seus últimos anos de vida. Ele responde:

Bom, eu tratei de muita gente idosa, e é muito interessante observar o que o inconsciente está fazendo com o fato de que, aparentemente, está sendo ameaçado com um fim completo. O inconsciente simplesmente ignora isso. A vida comporta-se como se fosse continuar e, por isso, penso ser preferível para uma pessoa idosa continuar vivendo como se a vida não fosse acabar, aguardar o dia seguinte como se tivesse ainda muitos séculos pela frente. Então viverá de maneira adequada. Mas, quando a pessoa tem medo, quando deixa de olhar em frente e passa a olhar apenas para o passado, ela petrifica-se, torna-se hirta, e morre antes do tempo. Se ela continua vivendo na expectativa da grande aventura que tem pela frente, então viverá – e isso é o que o inconsciente pretende fazer. (McGUIRE; HULL, 1982, p.383).

Para que não ocorra o mesmo que aconteceu ao personagem do livro é preciso que prestemos atenção ao nosso mundo interno. Quando o Self começar a cobrar nossa jornada, deixemos que o arquétipo puer-senex constele – este nos proporcionará energia para que olhemos sempre adiante, que tenhamos forças para seguir o nosso caminho para a vida e não para a morte, independente da idade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou-se com a proposta de analisar simbolicamente o medo que o personagem Dorian Gray tem do envelhecer. Esse medo não é um privilégio do século XIX, quando a obra foi escrita, mas hoje ele é uma constante tanto na vida da população que está envelhecendo quanto nos já idosos.

Hoje os meios de comunicação elegem um discurso “jovem” que se transforma em um grande espelho, onde não vemos nosso rosto, mas aquilo que a sociedade de consumo quer que vejamos.

No medo de envelhecer, tanto no romance como na sociedade atual, está embutido o medo do crescimento, da morte simbólica essencial para a transformação e principalmente o medo do enfrentamento do mundo interior, derivando uma maneira de evitar esse contato e se prender à persona

Com o aumento da expectativa de vida, é importante que a Psicologia se dedique cada vez mais a esse assunto, principalmente à fase do meio da vida, que Jung chamou de metanóia, pois é nesse período que precisamos nos preparar para uma velhice cheia de vida.

Acredito que esse trabalho atingiu o seu objetivo, pois o entendimento da angústia do personagem Dorian Gray me fez perceber o quanto é importante a aceitação da crise que a meia-idade traz. Essa crise nos fará voltar para nós mesmos e ouvir o nosso coração. Nós é que escolhemos nosso destino.

Creio que uma nova proposta para futuros trabalhos poderia ser o desenvolvimento de uma pesquisa de campo com pessoas na faixa etária entre 40 e 50 anos, relacionando-se o grande número de cirurgias plásticas que acontecem no Brasil com a temática do medo do envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALBOM, Mitch. **A última grande lição**: o sentido da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- ALVES, Andréa Moraes. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, Anita Liberalesso. (org.) **Idosos no Brasil**: vivência, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p.125-139.
- BRENNAN, Anne; BREWI, Janice. **Meia-idade e vida**: oração e lazer. São Paulo: Paulus, 1991.
- CAVALHEIRO, Fernando. Metanóia e história: conflitos e rupturas na meia-idade. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. (org.) **Metanóia e meia-idade**: Trevas e Luz. São Paulo: Paulus, 2008, p.87-99.
- CREMA, Roberto. Saber chegar, saber passar, saber partir. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. (org.) **Metanóia e meia-idade**: Trevas e Luz. São Paulo: Paulus, 2008, p.29-34.
- DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso. (org.) **Idosos no Brasil**: vivência, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007, p.109-123.
- FERRAZ, A.F.; PEIXOTO, M.R.B. Qualidade de vida na velhice: estudo em uma instituição pública de recreação para idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. v.31, n.2, p.316-38, agosto.1997. Disponível em: <<http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/419.pdf>>. Acesso em 16 mar 2008.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. O velho. In: _____. **Chico Buarque, letra e música**. São Paulo: Companhia da Letras, 1990. p.58.
- HILLMAN, James. **O livro do Puer**: ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus. São Paulo: Paulus, 2008.
- HOLLIS, James. **A passagem do meio**: da miséria ao significado da meia-idade. São Paulo: Paulus, 1995.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Cresce a presença da população com 50 anos ou mais no mercado de trabalho**. julho 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=648&id_pagina=1>. Acesso em 11 nov 2008.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Projeção da População do Brasil por sexo e idade: 1980-2050 - Revisão 2008**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/default.shtm>. Acesso em 17 jun 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios**. <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>. Acesso em 26 jun 2009.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da personalidade**. vol. XVII. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C.G. **AION Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. vol. IX/2. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

JUNG, C.G. **Psicologia do Inconsciente**. vol. VII/1. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

JUNG, C.G. **O Eu e o Inconsciente**. vol. VII/2. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. vol. VI. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAGO, Leandra Paula. **A Socialização do Idoso e o Movimento Corporal Coletivo**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

LESBAUPIN, Sandra Forjaz. **O idoso por ele mesmo**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, Anita Liberalesso. (org.) **Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007, p.141-152.

MACHADO, Raissa Ducatti Lino. **A vivência da terceira idade à luz da Psicologia Analítica**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

McGUIRE, William; HULL, R.F.C. A entrevista "Face a Face". In: McGUIRE, William; HULL, R.F.C. (coord.) **C. G. Jung Entrevistas e Encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982, p.372-384.

MENGARDO, Valdir. **Envelhe(s)cendo**. São Paulo: Obra não publicada, 2008.

MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. Metamorfoses da alma após a meia-idade... In: _____. (org.) **Metanóia e meia-idade: Trevas e Luz**. São Paulo: Paulus, 2008a, p.53-86.

MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. No envelhecer. In: _____. (org.) **Puer-senex: dinâmicas relacionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b, p.54-79.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: _____. (org.) **Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007a, p.33-46.

NERI, Anita Liberalesso. Feminização da velhice. In: _____. (org.) **Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007b, p.47-64.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Um Estudo sobre o Método de Investigação da Psique na obra de C. G. Jung**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

PENNA, Eloisa M.D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP: revista do Instituto de Psicologia da USP**. São Paulo, v.16, n.3, p.71-94, 2004.

PESSOA, Fernando. Tabacaria. In: GALHOZ, Maria Aliete (org). **Obra Poética**. Rio de Janeiro: José Aguiar, 1969. p.362-366.

PRÉTAT, Jane R. **Envelhecer: os anos de declínio e a transformação da última fase da vida**. São Paulo: Paulus, 1997.

STEIN, Murray. **Jung O Mapa da Alma: Uma introdução**. São Paulo: Cultrix, 2005.

VENTURI, Gustavo e BOKANY, Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERI, Anita Liberalesso. (org.) **Idosos no Brasil: vivência, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007, p.21-31.

VON FRANZ, M.L. O processo de individuação. In: JUNG, Carl G. (org) **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p.158-229.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução e adaptação: Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica**. São Paulo: Cultrix, 2006.